



LÍNGUA PORTUGUESA

Leitura e Produção de Textos Narrativos

LÍNGUA PORTUGUESA



Leitura e Produção
de Textos Narrativos

AAA3
Atividades de Apoio à Aprendizagem



Ministério
da Educação



AAA3

GESTAR I

P
D
Sistema Nacional de Formação
de Profissionais da Educação Básica
GESTAR I

Presidência da República

Ministério da Educação

Secretaria de Educação Básica

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Diretoria de Assistência a Programas Especiais

**PROGRAMA GESTÃO DA
APRENDIZAGEM ESCOLAR
GESTAR I**

LÍNGUA PORTUGUESA

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 3

**LEITURA E PRODUÇÃO
DE TEXTOS NARRATIVOS**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ASSISTÊNCIA A PROGRAMAS ESPECIAIS

**PROGRAMA GESTÃO DA
APRENDIZAGEM ESCOLAR
GESTAR I**

LÍNGUA PORTUGUESA

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 3

**LEITURA E PRODUÇÃO
DE TEXTOS NARRATIVOS**

BRASÍLIA
2007

© 2007 FNDE/MEC

Todos os direitos reservados ao Ministério da Educação - MEC.
Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida desde que citada a fonte.

DIPRO/FNDE/MEC

Via N1 Leste - Pavilhão das Metas
70.150-900 - Brasília - DF
Telefone (61) 3966-5902 / 5907
Página na Internet: www.mec.gov.br

IMPRESSO NO BRASIL

Sumário

Leitura e Produção de Textos Narrativos Ficcionais

Apresentação	7
Introdução ao Caderno 3 de Atividades de Apoio à Aprendizagem em Língua Portuguesa	9

UNIDADE 1: LEITURA DE TEXTOS NARRATIVOS FICCIONAIS

Aula 1	13
Aula 2	15
Aula 3	18
Aula 4	21
Aula 5	24
Aula 6	27
Aula 7	30
Aula 8	32

UNIDADE 2: LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS NARRATIVOS FICCIONAIS

Aula 1	37
Aula 2	39
Aula 3	44
Aula 4	47
Aula 5	50
Aula 6	52
Aula 7	54
Aula 8	57

UNIDADE 3: PRODUÇÃO DE TEXTOS NARRATIVOS FICCIONAIS

Aula 1	61
Aula 2	62
Aula 3	64
Aula 4	66
Aula 5	68
Aula 6	70
Aula 7	73
Aula 8	76

Apresentação

Professor

Você está recebendo o terceiro caderno de Atividades de Apoio à Aprendizagem de Língua Portuguesa e de Matemática, elaborado para ajudá-lo a desenvolver o trabalho, em sala de aula, ao rever, aprofundar e/ou ampliar a aprendizagem de conceitos, procedimentos, atitudes, relativas às duas áreas de conhecimento.

Este caderno, como os demais, está organizado em duas partes: a primeira contém três unidades, as de números 1, 2 e 3 relativas à aprendizagem de Língua Portuguesa e a segunda parte desenvolve as unidades 1, 2 e 3, relativas à aprendizagem de Matemática.

Cada unidade é composta de 8 aulas, nas versões do aluno e do professor. A versão do professor, além de apresentar as atividades propostas para o aluno, desenvolve também orientações de encaminhamento do trabalho a ser realizado em sala de aula.

A partir da avaliação da aprendizagem de seus alunos, você poderá organizar o conjunto de aulas a serem desenvolvidas em sua classe para retomar as aprendizagens não realizadas.

Para isso, é preciso que você conheça bem o trabalho sugerido em cada unidade, a que habilidades se refere e as necessidades de seus alunos.

Os cadernos de Atividades de Apoio à Aprendizagem estão atrelados aos de Teoria e Prática. Este terceiro se relaciona ao de **Teoria e Prática 4**, que trata de **Leitura e Produção de Textos Narrativos Ficcionais**, na área de Língua Portuguesa; **Grandezas e Medidas**, na área de Matemática.

A observação da frequência com que os alunos, durante os quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, apresentam dificuldades no domínio de algumas habilidades, norteou a seleção dos objetivos das atividades.

Cada conjunto de oito aulas, como vimos, desenvolve atividades para apoiar a aprendizagem de determinados conteúdos e possibilitar o domínio das habilidades associadas a esses conteúdos. Fica, no entanto, a possibilidade de rearranjar as aulas, em outras seqüências didáticas a partir das necessidades de apoio que você observa em seus alunos. Para tanto, cada aula é identificada em nota de rodapé – a unidade em foco e número da aula – o que facilita seu trabalho de rearranjo.

A seguir, estão detalhados os conteúdos/habilidades a serem desenvolvidos nesse primeiro volume.

Introdução ao Caderno 3 de Atividades de Apoio à Aprendizagem de Língua Portuguesa

A parte referente à Língua Portuguesa propõe uma série de atividades para apoiar a **Leitura e Produção de Textos Narrativos Ficcionais**.

Em geral, as dificuldades dos alunos relativas à leitura dizem respeito:

- à distinção entre narrativa de fatos reais e narrativa ficcional, criada pela imaginação do autor;
- à identificação do narrador e do foco narrativo;
- ao reconhecimento do enredo e à ordenação temporal da narrativa ficcional;
- à identificação das características dos personagens.

Em produção e reescrita de texto, as dificuldades referem-se:

- à ausência de planejamento do texto, considerando seu objetivo e o leitor a que se destina;
- à falta de domínio das características próprias do texto narrativo ficcional;
- à falta de hábito na revisão de textos, observando ajuste à modalidade, a manutenção da coerência e a utilização dos elementos de coesão.

Nessa perspectiva, as atividades, sugeridas nas **três unidades**, referem-se:

- à utilização da leitura para alcançar diferentes objetivos;
- ao ajuste da leitura a diferentes objetivos, utilizando os procedimentos adequados a cada situação;
- à relação entre o conhecimento que o leitor tem com o que é apresentado pelo texto;
- ao planejamento do texto no ato de produção em função do objetivo e do leitor a que se destina;
- à produção de textos, respeitando as características próprias de cada tipo de texto;
- à reescrita de textos.

Na unidade 1, as atividades apóiam a aprendizagem de habilidades de **leitura** do texto narrativo ficcional. Os alunos são estimulados a realizar as propostas de leitura dessa unidade, caso se observe que eles têm dificuldades em:

- distinguir narrativa de fatos reais de narrativa ficcional;
- distinguir narrador-personagem de narrador-observador;
- reconhecer enredo e a ordenação temporal em narrativa;
- distinguir autor de narrador.

É muito comum os alunos apresentarem, em processo de leitura, dificuldades de reconhecerem quem é o narrador do texto e como esse narrador conta a história, isto é, de que perspectiva ele apresenta a trama, o enredo dessa história.

Assim, os alunos não conseguem identificar pelas palavras e expressões do texto (pronomes, verbos, advérbios), se a história é narrada em primeira pessoa, portanto, por um personagem do texto ou se em terceira pessoa.

E, ainda, qual é a importância de perceber a perspectiva do narrador para compreender o sentido do texto.

Para tratar destas e de outras questões, o professor vai encontrar atividades de leitura de textos e de identificação do narrador; atividades de recomposição do enredo e de ordenação temporal em textos narrativos.

Na **unidade 2**, estaremos oferecendo sugestões de atividades para alunos que não dominem habilidades referentes à **leitura e produção** de textos narrativos ficcionais.

Para trabalhar as atividades propostas na unidade, é preciso que as dificuldades apresentadas pelos alunos se concentrem no desenvolvimento de habilidades como:

- identificação das características dos personagens;
- planejamento do texto no ato de produção em função do objetivo e do leitor a que se destina;
- produção de textos, respeitando as características próprias de cada tipo de texto;
- reescrita de textos.

O desenvolvimento das habilidades se dará a partir dos conteúdos:

- leitura de texto narrativo ficcional;
- produção de texto narrativo ficcional.

As atividades dessa unidade buscam apoiar a aprendizagem dos alunos que, em processos de leitura, não desenvolveram uma percepção aguçada das características dos personagens, marcadas não só pela presença de adjetivos, mas também construídas a partir das falas dos personagens.

E, ainda, atividades são propostas para apoiar a elaboração de textos narrativos. A produção de textos narrativos é muitas vezes difícil para o aluno porque ele não consegue organizar a história que tem para contar: montar uma situação inicial, que oriente o leitor; criar um conflito, desenvolvê-lo e criar a resolução desse conflito. Enriquecer o esquema da história com a caracterização do ambiente, dos personagens é tarefa às vezes complicada para alguns alunos.

Nesse sentido, as atividades apresentam propostas de leitura e de produção.

Na unidade 3, são apresentadas outras atividades para alunos que apresentam dificuldade de **produção** de texto narrativo ficcional.

As propostas detalham atividades de encaminhamento de produção de textos narrativos.

Para trabalhar as atividades propostas na unidade, é preciso que as dificuldades apresentadas pelos alunos se concentrem no desenvolvimento de habilidades como:

- planejamento do texto no ato de produção em função do objetivo e do leitor a que se destina;
- produção de textos, respeitando as características próprias de cada tipo de texto;
- reescrita de textos.

O desenvolvimento das habilidades se dará a partir do conteúdo:

- produção de texto narrativo ficcional.



*Unidade***1**

Leitura e Produção de Textos Narrativos Ficcionais

Leitura de Textos
Narrativos Ficcionais

Atividade 1

Leia os textos abaixo.

Texto A

Urubu Casemiro é enterrado com pompa em Minas Gerais

Ave era mascote da cidade de Pains, onde assistia a jogos de futebol e ia a botequins

BELO HORIZONTE — o enterro de um urubu de nove anos, chamado Casemiro, mobilizou esta semana dezenas de moradores da cidade de Pains, a cerca de 200 quilômetros de Belo Horizonte. Criado desde pequeno pelo taxista Juarez Soares, Casemiro transformou-se, com o tempo, em uma espécie de mascote da cidade, de 10 mil habitantes.

Ele era alimentado com carne fresca pelos moradores, bebia cerveja em botequins, oferecida pelos fregueses, e aproximava-se de qualquer aglomeração, como para ver o que acontecia.

“Era nosso conterrâneo mais famoso, querido principalmente pelas crianças”, disse o locutor Jésus Divino de Paiva, da rádio SuperFM, que fez diversas chamadas para o “funeral” do urubu, antontem na praça principal da cidade.

“Ele gostava de assistir aos jogos de futebol, acompanhava enterros e até na igreja já entrou”, completou. O taxista Soares suspeita que Casemiro tenha sido morto por algum desafeto, já que parte da população não aprovava sua presença, sempre espantando e bicando os desavisados nas calçadas.

Folha de São Paulo/2000

Texto B

O sabiá e o urubu

Era à tardinha. Morria o sol no horizonte enquanto as sombras se alongavam na terra. Uma sabiá cantava tão lindo que até as laranjeiras pareciam absortas à escuta.

Estorce-se de inveja o urubu e queixa-se:

— Mal abre o bico este passarinho e o mundo se enleva. Eu, entretanto, sou um espantalho de que todos fogem com repugnância... Se ele chega, tudo se alegra; se eu me aproximo, todos recuam... Ele, dizem, traz felicidade; eu, mau agouro... A natureza foi injusta e cruel para comigo. Mas está em mim corrigir a natureza; mato-o, e desse modo me livro da raiva que seus gorjeios me provocam.

(...)

Monteiro Lobato, Fábulas.

Orientações para o professor

Solicite que leiam os textos, individual e silenciosamente. Em seguida, peça que contem o que leram em cada um dos textos. Fique atento à reprodução oral que os alunos farão, grave as informações que conseguiram apreender, na primeira leitura que fizeram. Durante a análise do texto, aproveite para explorar aquilo que na reprodução oral eles não tenham conseguido apreender.

Durante a conversa sobre os textos, é importante que os alunos apreendam que, no texto 1, o que se narra é um fato que aconteceu de verdade, num lugar real. Animais e pessoas verdadeiros participam desse fato. Já, no texto 2, narra-se um fato fictício, ou seja, que não aconteceu de verdade, foi inventado pelo autor. Os seres que participam da história são personagens.

Em síntese, eles devem perceber que podemos narrar fatos reais (que realmente aconteceram) e fatos inventados (criados pela imaginação de quem escreve).

Quanto às questões propostas, leia abaixo

prováveis respostas dos alunos, fique atento a todas as respostas, por mais simples ou óbvias que possam parecer.

1. Para você, os fatos narrados no **texto A** são verdadeiros, ou são inventados, criados pela imaginação de quem escreveu? Por quê?

É possível que os alunos achem que os fatos narrados no texto 1 não sejam verdadeiros por se tratar de um fato incomum: uma cidade inteira parar para enterrar um urubu. Discuta com os alunos o inusitado do fato e mostre-lhes que esse é exatamente o motivo de o fato ter se transformado em notícia. Além disso, recupere outros índices no texto que garantem a veracidade dos fatos como: nome da cidade, depoimento de pessoas envolvidas nos acontecimentos (locutor da rádio local, taxista...), data em que o fato ocorreu etc...

2. E no **texto B**, os fatos são verdadeiros, ou inventados?
3. O que as pessoas de Pains fizeram é comum? Fatos como esse acontecem com frequência? *Os comentários feitos na questão 1 servem, também, para essa questão.*
4. Que diferença(s) existe(m) entre o urubu do texto **A** e o urubu do texto **B**? *Os alunos devem perceber que no texto A o urubu é uma ave de verdade; no texto B, o urubu é um personagem criado pelo autor.*
5. No texto **B**, o urubu fala? Por que isso é possível? E se isso acontecesse no texto **A**, qual seria sua reação? *A fala do urubu, no texto B, é possível porque ele é um personagem; se isso acontecesse, no texto A, no mínimo, tiraria a veracidade dos fatos.*

Professor, as respostas anotadas no quadro de giz devem estar o mais próximo do ideal, já que os alunos vão copiá-las depois.

Caso surja para a pergunta “Para você, os fatos narrados no **Texto A** são verdadeiros, ou são inventados, criados pela imaginação de quem escreveu? Por quê?” respostas como: “os fatos são verdadeiros, não são inventados”, ou “é de verdade”, é importante que você pergunte aos alunos por que os fatos são verdadeiros, a fim de que eles se habituem a justificar, pois a aprimoração de que o fato é verdadeiro não é suficiente. Vá perguntando, questionando até chegar a uma resposta adequada. Pode ser, por exemplo: “os fatos são verdadeiros, pois é possível saber onde tudo aconteceu, quando tudo aconteceu, com quem aconteceu...”

Após a leitura dos textos, reúna-se com seus colegas e responda às questões abaixo. Você não precisa responder as questões por escrito. O importante é que você não deixe de conversar com os colegas sobre cada uma delas.

- Qual é o assunto do **texto A**? E do **texto B**?
- Para você, os fatos narrados no **texto A** são verdadeiros, ou são inventados, criados pela imaginação de quem escreveu? Por quê?
- E no **texto B**, os fatos são verdadeiros, ou inventados?
- O que as pessoas de Pains fizeram é comum? Fatos como esse acontecem com frequência?
- Que diferença(s) existe(m) entre o urubu do texto **A** e o urubu do texto **B**?
- No texto **B**, o urubu fala? Por que isso é possível? E se isso acontecesse no texto **A**, qual seria sua reação?

Agora, você e seus colegas de classe vão conversar sobre as respostas que deram. Mas, para que todos possam falar e ser ouvidos, é necessário que você

- ouça com atenção as respostas de seus colegas.
- compare as respostas de seus colegas com as suas.
- peça permissão para expor a sua opinião, se não concordar com a opinião de seu colega.
- ao dar a resposta, indique para seus colegas em que lugar do texto se encontram as informações que permitiram a você dar aquela resposta.

Quando todas as perguntas forem respondidas, confira suas respostas com aquelas que a professora escreveu no quadro de giz.

Você e seus colegas devem ter observado que...

No texto A, você leu a narração de um fato que aconteceu de verdade, num lugar real. Pessoas e animais verdadeiros participaram desse fato.

No texto B, o fato narrado não aconteceu de verdade. Ele foi inventado pelo escritor. Os seres que participam da história são personagens.

Portanto, podemos narrar fatos reais (que realmente aconteceram) e fatos inventados (criados pela nossa imaginação).

Na aula anterior, você e seus colegas leram e conversaram sobre dois textos: **Urubu Casemiro é enterrado com pompa em Minas Gerais** e **O urubu e a sabiá**. Descobriu que existem narrativas reais e narrativas inventadas, criadas pela imaginação de quem escreve.

A partir desta aula, você vai ler e conversar sobre as narrativas inventadas, criadas pela imaginação de quem escreve, ou seja, as narrativas ficcionais.

Atividade 1

Leia os textos.

Texto 1

Potyra As lágrimas eternas

A linda e meiga Potyra amava o jovem e valente chefe da tribo, o guerreiro Itajibá, o braço de pedra. Ambos encontravam-se frequentemente nas areias brancas do rio, onde permaneciam durante horas admirando a natureza e trocando juras de amor, enquanto aguardavam o casamento.

Certo dia veio a guerra. A tribo foi atacada por inimigos, partindo Itajibá para a luta. Ansiosa, Potyra esperava sua volta, caminhando às margens do rio.

Muito tempo depois, os guerreiros regressaram, informando à jovem que o chefe guerreiro havia morrido. Inconsolável, Potyra voltava todos os dias à praia a chorar sua grande perda. Sensibilizado com sua dor, Tupã, o Deus do Bem, transformou suas lágrimas em diamantes.

Desta maneira, as águas levavam as preciosas pedrinhas até a sepultura do guerreiro, como prova de seu amor.

Waldemar de Andrade e Silva. *Lendas e Mitos dos Índios Brasileiros*.

Texto 2

A RATINHA

Eu era uma ratinha que morava junto com a minha família, numa casa de ratos construída no meio de um campo de trigo.

Eu tinha o sonho de percorrer o mundo e a mania de meter o focinho pontudo em todo o lugar. Um dia, eu achei uma avelã! Era uma avelã enorme e bonita! Eu quis pegá-la, mas...

A avelã foi rolando campo abaixo, passou por cima das folhas secas e sumiu ao pé de uma árvore enorme.

Eu saí correndo atrás e enfiei o focinho num buraco entre as raízes da árvore.

As Aventuras da Ratinha. Conto Popular recontado por Claude Morand, traduzido e adaptado por Monica Stahel. São Paulo: Scipione, 1994, p.5-6.

Orientações para o professor

Atividade 1

A leitura dos textos deve servir para despertar o interesse dos alunos para o assunto da aula. Você vai perceber que não há a preocupação de se trabalhar exaustivamente a compreensão do texto, pois esse não é o objetivo da aula. Mas, evidentemente, se você perceber que existe um interesse dos alunos em conversar sobre o texto, aproveite, não desperdice oportunidades.

Em princípio, esperamos com a leitura desses textos levar os alunos a refletirem sobre um dos elementos da narrativa: o **narrador**. Não há nenhuma intenção, e nem poderia, devido à complexidade do assunto, de querer resolver essa questão com algumas aulas, mas é possível despertar a curiosidade deles, e levá-los a refletir sobre o assunto.

Antes de iniciar a atividade, destinada à reflexão sobre quem conta a história, faça relação com a aula anterior, solicitando que comentem os textos, falem se os fatos narrados são reais ou não. Peça, também, que justifiquem o porquê dessa ou daquela opção.

As questões propostas na atividade permitem que o aluno tenha uma compreensão geral do texto. Abaixo você tem sugestões de respostas.

Por que Potyra e Itajibá se separaram? **Por causa da guerra.**

O que a índia fazia enquanto esperava a volta do guerreiro? **Caminhava às margens do rio, lugar onde costumava se encontrar com o guerreiro.**

No trecho *“A linda e meiga Potyra amava o jovem e valente chefe da tribo, o guerreiro Itajibá, o braço de pedra.”*, a palavra **jovem** se refere a quem? E a expressão **chefe guerreiro**? **A palavra jovem se refere a Potyra e jovem guerreiro e chefe ao índio Itajibá.**

Na frase *“Tupã, o Deus do Bem, transformou suas lágrimas em diamantes.”* De quem são as lágrimas? De que outra forma podemos dizer **suas lágrimas**? **As lágrimas são da índia. Uma outra forma de reescrever o trecho seria: “... transformou as lágrimas de Potyra...”, ou “... transformou as lágrimas da jovem...”.**

Você percebeu, pela leitura e compreensão que teve do texto, que a palavra **suas** se refere às lágrimas de Potyra. Releia, agora, no último parágrafo do texto a palavra **seu**. **Seu** amor se refere ao amor de Potyra ou ao de Itajibá? **Ao de Potyra.**

Com quem a ratinha morava? Onde ela morava? **Ela morava com a família, no meio de um campo de trigo.**

Qual era o sonho da ratinha? **Seu sonho era percorrer o mundo.**

Por que ela não conseguiu pegar a avelã? **Porque a avelã foi rolando campo abaixo.** Os textos narram fatos fictícios, inventados. O texto 1 é uma lenda criada pelos índios e o texto 2 um conto popular. É importante, neste momento, chamar a atenção para o suporte.

Atividade 2

Faça uma nova leitura do texto, em voz alta, a fim de que os alunos possam responder às questões propostas para a atividade.

Se preferir, você pode propor a resolução das questões coletivamente. Para isso, faça no quadro de giz um quadro, no qual você poderá anotar as respostas dadas por ele.

Lembrete.

No texto 1 o narrador apresenta a história sem participar dela (narrador-observador). No texto 2 o narrador também é personagem da história, a ratinha (narrador-personagem). Nas aulas da Unidade 2, essa diferença entre narrador-observador e narrador-personagem será trabalhada mais detalhadamente.

Converse com seus colegas

Texto 1

- Por que Potyra e Itajibá se separaram?
- O que a índia fazia enquanto esperava a volta do guerreiro?
- No trecho *“A linda e meiga Potyra amava o jovem e valente chefe da tribo, o guerreiro Itajibá, o braço de pedra.”*, a palavra **jovem** se refere a quem? E a expressão **chefe guerreiro**?
- Na frase *“Tupã, o Deus do Bem, transformou suas lágrimas em diamantes.”* De quem são as lágrimas? De que outra forma podemos dizer **suas lágrimas**?
- Você percebeu, pela leitura e compreensão que teve do texto, que a palavra **suas** se refere às lágrimas de Potyra. Releia, agora, no último parágrafo do texto a palavra **seu**. **Seu** amor se refere ao amor de Potyra ou ao de Itajibá?

Texto 2

- Com quem a ratinha morava? Onde ela morava?
- Qual era o sonho da ratinha?
- Por que ela não conseguiu pegar a avelã?

Agora que você já respondeu às questões e conversou com os colegas sobre os textos, saberia dizer se esses textos narram fatos reais ou narram fatos fictícios, inventados, criados pela imaginação de seus autores?

Atividade 2

Leia novamente os textos 1 e 2 e responda:

- Quem conta a história no texto 1?

- Quem conta a história no texto 2?

- Explique como foi possível identificar quem conta a história nos dois textos.

Quem conta a história que está escrita nos livros é chamado de narrador, que quer dizer “aquele que narra”.

Nas suas respostas às questões sobre o texto 1, você observou que o narrador do texto *Potyra* não está na história. Ele é o contador do que aconteceu com a índia. Já no texto 2, *A ratinha*, é a própria ratinha que conta a sua história.

Comparando o texto 1 ao texto 2, você acha que é diferente o modo de contar a história? Por quê?

Você gosta mais de um desses modos? Por quê?

Para não esquecer!

Para ficar mais fácil identificar o narrador, vamos chamá-lo de **narrador-observador**, quando ele conta a história, sem participar dela; vamos chamar de **narrador-personagem** quando ele está “dentro” da história, quer dizer, “vive” também como personagem o que aconteceu na história.

No quadro, é importante que se destaquem as palavras e/ou expressões que mostrem quem conta as histórias. Veja quadro abaixo.

TEXTO 1	TEXTO 2
“a linda e meiga Potyra amava o jovem e valente chefe...”	“ <u>Eu</u> era uma ratinha...”
“sensibilizado com sua dor...”	“ <u>Eu</u> saí correndo...”

Orientações para o professor

Atividade 1

Divida a classe em grupos de, no máximo, 4 alunos (grupos muito grandes são pouco produtivos). Depois, solicite que leiam os textos.

No início, deixe que tentem resolver sozinhos as questões propostas. Com certeza, sentirão algumas dificuldades, visto que a comparação entre textos não é uma tarefa das mais simples. Exige que eles apreendam as informações de um e outro texto e, depois, de posse dessas informações, façam a comparação.

Durante o tempo em que os alunos estiverem trabalhando em grupo, percorra a classe, a fim de observar como eles tentam resolver as questões propostas. Se possível, registre as estratégias utilizadas por eles. Elas podem ser de grande utilidade para você em outras aulas.

Quando todos tiverem terminado, proponha a correção coletiva. Convide-os a irem ao quadro de giz colocar suas respostas. Nesse momento, o ideal é que você tenha os textos transcritos no quadro de giz, ou em papel pardo (kraft), pois, assim, os alunos podem mostrar como chegaram às respostas, apontando no próprio texto.

Os alunos podem usar as mais diversas estratégias para marcar nos textos as palavras ou expressões que mostram quem conta a história em cada texto. Eles podem, por exemplo, fazer a marcação como no exemplo abaixo.

Já (eu) **estou** cansado de ouvir a história do **meu** primo que foi à festa no céu escondido dentro do violão de um urubu e na volta caiu e se esborrachou em cima de uma pedra. Mesmo pedindo:
— Arreda pedra, senão te racho, não teve cooperação. Mas pudera! Pedra não sai do lugar sozinha!
Eu também **vou** à festa no céu este ano, mas (eu) **tive** uma idéia: **vou** levar um pára-quedas.

No final da conversa, é importante que os alunos percebam que nos dois textos se narra o mesmo fato, o que muda é o **foco narrativo**: no texto **1**, os fatos são narrados por um narrador que participa da história; no texto **2**, os fatos são narrados por um narrador que não participa da história como personagem. Nos dois textos há palavras e expressões que possibilitam a identificação desse foco narrativo.

Na aula 2, você e seus colegas leram e conversaram sobre dois textos: **A ratinha** e a história de Potyra e Itajibá. *Descobriu por que esses textos são narrativas ficcionais, inventadas, criadas pela imaginação de quem escreve.*

*Hoje, você vai ler e conversar mais sobre as narrativas inventadas, criadas pela imaginação de quem escreve, ou seja, as **narrativas ficcionais**.*

Atividade 1

Leia os textos.

Texto 1

Retetêú

O primo do sapo que foi à festa no céu

Já estou cansado de ouvir a história do meu primo que foi à festa no céu escondido dentro do violão de um urubu e na volta caiu e se esborrachou em cima de uma pedra. Mesmo pedindo:

— Arreda pedra, senão te racho, não teve cooperação. Mas pudera! Pedra não sai do lugar sozinha!

Eu também vou à festa no céu este ano, mas tive uma idéia: vou levar um pára-quedas.

BRUM, Else Sant'Anna. *Retetêú, o primo do sapo que foi à festa no céu*. Blumenau: EKO, 1997, p.3. (Adaptação)

Texto 2

Retetêú

O primo do sapo que foi à festa no céu

Retetêú estava cansado de ouvir a história do seu primo que foi à festa no céu escondido dentro do violão de um urubu e na volta caiu e se esborrachou em cima de uma pedra. Mesmo pedindo para que a pedra arredasse, senão ele a racharia, seu primo não teve cooperação. Mas pudera! Pedra não sai do lugar sozinha!

Ele também resolveu ir à festa no céu naquele ano, mas teve uma idéia: levaria um pára-quedas.

BRUM, Else Sant'Anna. *Retetêú, o primo do sapo que foi à festa no céu*. Blumenau: EKO, 1997, p.3. (Adaptação)

Compare o texto 1 ao texto 2 e responda às perguntas.

- Conta-se a mesma história?
- Quem conta a história no texto 1?
- Quem conta a história no texto 2?
- Anote as mudanças que você observou no texto 2 em relação ao texto 1.
- Você gosta mais de um dos modos de contar a história? Por quê?

Ao responder as questões sobre os textos 1 e 2, você deve ter feito algumas observações:

- os textos 1 e 2 narram os mesmos fatos;
- no texto 1, os fatos são narrados por um narrador que participa da história;
- no texto 2, os fatos são narrados por um narrador que não participa da história como personagem.

Atividade 2

Leia os fragmentos de cada texto. Depois, converse com seus colegas de grupo sobre quem conta a história em cada um dos textos: **narrador-observador** (não participa da história como personagem, apenas conta os fatos) ou **narrador-personagem** (participa da história como personagem).

Fragmento A

Sábado, eu e a turma resolvemos ir ao cinema. Estava em cartaz um filme de suspense superlegal que eu estava muito a fim de ver. Tivemos que escolher um cinema no *shopping*. Sabe como é. Coisa de pai e mãe... Andar por aí na rua, em turma, não faz muito a cabeça deles... Para nós a idéia também parecia boa.

FORJAZ, Sonia Salerno. *Um caso para Mister X*.
São Paulo: Moderna, 1997, p.5.

Fragmento B

Era um homem pobre. Vivia com a mulher, as três filhas e um filho pequeno num casebre de madeira. Trabalhava na roça, plantando frutas e verduras que depois, com cuidado, punha na carroça e levava para vender na feira da vila, do outro lado do morro. Apesar de tudo, vivia com um sorriso desenhado nos lábios.

AZEVEDO, Ricardo. *A moça, o gigante e o moço*.
São Paulo: Studio Nobel, 1994, p. 4.

Fragmento C

Quase todos os dias, eu chegava à escola e encontrava a Carol chorando. Carol é minha prima de 5 anos que, não sei se feliz ou infelizmente, entrou na minha escola este ano.

FORJAZ, Sonia Salerno. *Um caso para Mister X*.
São Paulo: Moderna, 1997, p.37.

Atividade 2

Para essa atividade, continue o trabalho em grupo. É importante que os alunos possam se posicionar diante das questões propostas. Tome cuidado apenas para que, em função da quantidade de fragmentos, os alunos não se percam.

Você pode, por exemplo, fazer, coletivamente, os fragmentos A e B, registrando no quadro de giz as palavras ou expressões nos textos que permitem ao leitor saber se o narrador participa da história como personagem, ou se apenas conta os fatos sem participar deles como personagem.

Para fazer coletivamente a leitura dos fragmentos **A** e **B**, você pode seguir a sugestão abaixo.

- Transcreva os dois fragmentos no quadro de giz, lado a lado.
- Faça a leitura dos textos ou peça que um aluno faça. Em seguida, comente os textos com os alunos. É importante que você enfatize que os textos não aparecem na íntegra, são apenas trechos tirados de obras. Leia com eles a referência bibliográfica que aparece no final de cada fragmento, o nome do livro, do autor; pergunte-lhes se conhecem as obras, os autores...

Para a leitura do **fragmento A**, você pode propor as seguintes questões:

- Quem é esse **eu** que aparece no texto A? É ele quem conta a história? Como é possível saber isso?
- Na frase "Tivemos que escolher um cinema no *shopping*." Quem é esse **tivemos**? O eu que aparece no início do texto também está incluso em **tivemos**?
- E a palavra **nós**, que aparece na última linha do texto, ela inclui o eu do início do texto?
- Afinal, quem conta a história participa dela como personagem?

Já, para o **fragmento B**, você pode propor questões como as sugeridas abaixo.

- Quem vivia com a mulher, trabalhava na roça...? É ele quem conta a história? Se ele estivesse contando a história, o texto poderia começar assim... **Era um pobre homem...**?
- Você acha que o personagem falaria dele mesmo como **pobre homem**, se ele fosse o narrador do texto? Por quê? A idéia de "coitado" não é um ponto de vista de quem vê os fatos de fora, sem participar deles como personagem?

Além dessas questões propostas para cada texto, você poderá acrescentar outras, aquelas que surgirem durante a conversa, resultado das hipóteses levantadas pelos alunos.

Fragmento D

Que susto! Apareceu uma coisa horrenda, voando bem acima de nós. Era um bicho superbarulhento, cheio de humanos na barriga. Apontavam uma arma em nossa direção!

Naquele momento achei que ia ter um treco. Quando vi o monstro, meu coração começou a bater tão forte, que durante alguns instantes fiquei ali, paralisada. A única coisa que eu conseguia fazer era gritar:

– Meu coração vai pular pela boca! Não, acho que vai é parar de bater! Ai, alguém me acode!

HETZEL, Bia. *Rosalina, a pesquisadora de homens*. Rio de Janeiro

Para não esquecer!

O autor pode construir uma narrativa, criando um narrador que conta a história, estando fora dela, ou que conta a história, participando dela como um de seus personagens.

Na aula 3, você teve a oportunidade de conversar com seus colegas sobre um dos elementos da narrativa: o narrador. Descobriu que existe o narrador que conta a história, sem participar dela como personagem, e o narrador que conta a história e é também personagem.

Hoje, você vai ler e poder conversar um pouco mais sobre o **narrador-personagem** e o **narrador-observador**.

Atividade 1

Leia o texto.

Naquela madrugada Daniel acordou. No quarto escuro, virou o travesseiro. Era gostoso e fresquinho do outro lado. Mas antes de pegar de novo no sono, escutou um ruído. O que seria?

Parecia que alguém estava abrindo a porta do quarto dele.

— Mamãe! Tem um ladrão no meu quarto!

Mas com o medo a voz nem saiu.

Daniel, apavorado, se encolheu na cama.

IACOCCA, Liliana. UUUUUUU, um barulho estranho.
São Paulo: Ática, 1996, p.1-6.

O texto que você acabou de ler é narrado por um narrador-observador, ou seja, aquele que conta a história, mas não participa dela como personagem.

Agora, imagine que você é o **Daniel**, o personagem da história. Reescreva o trecho da história como um narrador-personagem.

Naquela madrugada **eu acordei**. No quarto escuro, _____

Para não esquecer!

Uma história ou acontecimento pode ser narrado por alguém que participou de tudo o que aconteceu, como **personagem**. Neste caso, quem narra ou conta a história é um **narrador-personagem**.

Orientações para o professor

Atividade 1

Nas aulas anteriores, todas as atividades foram desenvolvidas em grupo, ou coletivamente. Nesta aula o aluno irá reescrever vários textos, atendendo à solicitação feita nas atividades. O ideal é que a atividade seja feita individualmente, a fim de que você possa verificar os conhecimentos que os alunos já adquiriram a respeito do assunto.

Estipule um tempo, não muito extenso, para a execução da tarefa. Ao final, confira coletivamente o que os alunos fizeram. Nesse momento, é importante que você questione o que fizeram. O acerto ou o erro vai mostrar a compreensão dos alunos sobre o assunto. É possível, por exemplo, que o aluno mude o pronome, nome, indicador da 3ª pessoa por um pronome de 1ª pessoa e não se lembre de fazer o mesmo com o verbo. Isso é muito comum.

Faça com que os alunos se habituem a comparar os dois textos. Pergunte-lhes, sempre, que mudanças eles perceberam entre um e outro. Se eles têm preferência por uma delas. Por que a preferência.

O mais importante não é que eles apreendam apenas que muda a pessoa, mas, também, um **ponto de vista** em relação ao que se narra.

É muito importante que, ao final da atividade, vocês conversem sobre os textos produzidos pelos alunos. Pelo resultado das produções você poderá verificar as dificuldades apresentadas.

É possível que reescrevam o texto no exemplo abaixo.

Naquela madrugada ~~Daniel acordou~~ **eu acordei**. No escuro, ~~virou~~ **virei** o travesseiro. Era gostoso e fresquinho do outro lado. Mas antes de pegar de novo no sono, ~~escutou~~ **escutei** um ruído. O que seria?

Parecia que alguém estava abrindo a porta do ~~meu~~ **meu** quarto ~~dele~~.

— Mamãe! Tem um ladrão no meu quarto!

Mas com o medo a voz nem saiu.

~~Daniel~~ Apavorado, ~~me encolheu~~ **me encolhi** na cama.

Se alguns alunos reescreverem o texto, com o foco em 1ª pessoa, como no exemplo acima, você poderá explorar vários itens. Quem produziu o texto preocupou-se apenas em mudar o verbo da 3ª para a 1ª pessoa e substituir o nome Daniel pelo pronome **eu**. Não atentou para o fato de que outras palavras também deveriam ser mudadas como: o pronome dele, que aparece no 2º parágrafo; em lugar de dele, deveria ser **meu** quarto. O mais importante, entretanto, é observar que não houve uma preocupação com o ponto de vista de quem narra. Se o texto fosse, de fato, narrado pelo menino, será que ele assumiria o medo diante do desconhecido? Em geral os meninos assumem isso? Quais seriam, na realidade, os sentimentos de um menino diante de uma situação como essa? Esse é um bom momento para você fazer essas perguntas para a classe. Provavelmente eles darão uma nova redação ao texto. É possível que tenham uma postura de camuflar o medo. Um texto provável é...

Naquela madrugada ~~Daniel acordou~~ **eu acordei**. No escuro, ~~vi~~ **virei** o travesseiro. Era gostoso e fresquinho do outro lado. Mas antes de pegar de novo no sono, ~~escutei~~ **escutei** um ruído. **Não imaginava o que pudesse ser! Afinal, todos já estavam em casa... dormindo!**

Parecia que alguém estava abrindo a porta do ~~meu~~ quarto ~~dele~~. **Pensei logo em gritar minha mãe, mas me contive. Não queria que ela pensasse que eu estava com medo.**

— Mamãe! Tem um ladrão no meu quarto!

Mas com o medo a voz nem saiu.

~~Daniel~~ **Eu**, apavorado, ~~me encolhi~~ **me encolhi** na cama.

Além dessa possibilidade de reescrita, podem surgir muitas outras, por isso, é importante que você discuta com eles o maior número de textos possíveis. Questione as mudanças feitas. Sugira novas formas de reescrita, em se reescrevendo o que muda etc.

Atividade 2

Em função do número de textos, volte a dividir a classe em grupos, e deixe-os fazer a atividade.

Peça a eles para fazerem a transformação e, em seguida, registrar, por escrito, as mudanças ocorridas com a transformação; isso deve ser feito em cada texto. Além disso, solicite que comentem se têm preferência pelo texto em 1ª ou 3ª pessoa.

É importante que, ao final, todos os textos sejam comentados e comparados, ou seja, texto 1 versão original, narrador-observador; versão do aluno, narrador-personagem...

Atividade 2

Leia abaixo trechos de algumas histórias.

Texto 1

Então **Elisa** pegou a bola de barbante e foi embora.

Elisa foi andando e encontrou um velhinho que tentava pegar alguma coisa dentro de um buraco.

Aí Elisa pegou um pedaço de barbante da sua bola e deu ao velhinho.

O velhinho amarrou o barbante num pedaço de pau e tirou seus óculos de dentro do buraco.

O velhinho agradeceu e Elisa foi embora.

MARTINS, Mauro. A bola de barbante.
Belo Horizonte: Dimensão, 1991, p.7.

Texto 2

Era um menino cantador. Nasceu assim. Dizem que quando nasceu não chorou, cantou. Mas como? E quem sabia explicar?...

O velho Dionísio, que era de saber muito das coisas, afirmava:

— É passarinho! Passarinho nasce cantando. Esse menino tem parte com passarinho.

E era mesmo. **Bené** era um menino metade gente, metade passarinho.

E quem iria duvidar?

Crescia pouco, como quem está esperando asas para voar. Teve que ir à escola, aprender a ler e escrever, mas mesmo assim não deixava a mania de viver cantando.

LOBO, Fernando. O menino que virou passarinho.
São Paulo: FTD, 1993, p.1.

Texto 3

Naquelas férias **Rodrigo** e Fábio foram para o campo de uma linda fazenda rodeada por uma grande mata. Curiosos, decidiram se aproximar daquele lugar tão verde e misterioso.

Era emocionante caminhar entre arbustos, esbarrar nos troncos das árvores, sentir no corpo uma tremedeira geladinha. O vento ia e vinha, forte e fraco, balançando tudo e espalhando folhas secas no chão

Um riacho cortava o caminho e eles tiveram que atravessar sobre algumas pedras. A água cristalina não parava de correr. E andando, andando, foram conhecendo a mata.

IACOCCA, Liliana. SSSSSSS ...UM barulho na mata.
São Paulo: Ática, 1994, p. 1-5.

Agora, reescreva a história como se fosse um **narrador-personagem**. No texto 1, a história deve ser narrada por **Elisa**; no texto 2, por **Bené**; e no texto 3, por **Rodrigo**.

Texto 1

Texto 2

Texto 3

Compare os textos e responda:

- O que mudou de uma história para outra?
- Você tem uma opinião sobre as histórias?
- De que história você mais gostou? Por quê?

Orientações para o professor

Atividade 1

As questões propostas no início da aula permitem aos alunos ativarem conhecimentos que já têm a respeito do assunto a ser tratado. Se os alunos estiverem seguindo a contento as aulas, poderão inferir, por exemplo, que não lerão um texto que narre fatos reais, pois não se tem notícia, divulgada pela ciência, de que exista formiga daltônica.

Atividade 2

Solicite que leiam o texto, individual e silenciosamente. Em seguida, peça que contem a história que leram. Fique atento à reprodução oral que os alunos farão, grave as informações que conseguiram apreender na primeira leitura que fizeram. Durante a análise do texto, aproveite para explorar aquilo que na reprodução oral eles não tenham conseguido apreender.

Você pode **optar** por realizar a atividade oral e coletivamente. No início, é possível que eles se desconcentrem com facilidade, não acompanhem passo a passo o que está sendo proposto para a leitura do texto. Isso é esperado, e cabe a você criar estratégias de encaminhamento que prendam os alunos à leitura do texto. Uma das coisas que, em geral, causam desinteresse é o fato de se ficar preso à leitura das questões propostas na atividade. Não se esqueça de que essas questões servem apenas para orientar a leitura; você pode explorá-las sem precisar lê-las.

Atividade 1

Você, com certeza, já viu e sabe o que é uma formiga, não é? Mas... será que você já viu ou ouviu falar de formiga daltônica?

O que você acha que vai encontrar em um texto que tem esse título: Nicolau e a formiga daltônica?

Atividade 2

Leia o texto.

Nicolau e a formiga daltônica

Nicolau estava sentado na cozinha, quando de repente, ZUM! ZAS! ZIPS! PIC! AAIII!... alguma coisa picou o seu pé. Furioso, começou a procurar o que o picara.

Nada atrás.

Nada à frente.

Nada à esquerda.

Nada à direita.

Nada acima de sua cabeça.

Nada no chão.

O que tinha dado uma picada em seu pé?

— Já sei! — gritou ele. E tirou o tênis branco com listras vermelhas. Mas também não encontrou nada.

Muito intrigado, Nicolau tirou a meia, que era ainda mais vermelha. E, de novo, nada.

— Ué! O que será que deu uma picada em seu pé?

Enquanto pensava, Nicolau sentiu uma coceguinha no tornozelo, subindo devagar pela perna.

Nicolau sacudiu a perna e uma formiguinha negra como carvão e magricela como um alfinete caiu no chão.

Ainda meio tonta por causa do tombo, ela cobriu a cabecinha com as antenas, como se pedisse desculpas.

Percebendo que a formiga era assim tão educada, Nicolau a convidou para sentar-se em um palito de fósforo e se acomodou na frente dela.

— Sabe, eu não queria te picar. Mas confundi sua meia com uma folha de alface e, como estava morrendo de fome, nhac!... dei uma mordida.

— Mas que biruta! Confundir minha meia com uma folha verde de alface... — resmungou Nicolau, levantando.

Ao ouvir isso, a formiga se sentiu muito ofendida e abaixou a cabeça. Nicolau compreendeu que não devia ter zombado dela. Pegou um biscoito e deu um pedacinho para a formiga.

— Me conte uma coisa, Dona Formiga: como a senhora pôde confundir minha meia com uma folha de alface, se uma é vermelha e a outra é verde?

— É que eu... eu... sou daltônica.

— Dal... o quê? Nicolau perguntou espantado.

— Daltônica. Eu sou uma formiga daltônica.

RITNER, Juan R. *Nicolau e a Formiga daltônica*.
São Paulo: Letraviva, 1987.

Agora, reúna-se com seus colegas de grupo e tente responder às questões abaixo.

Nicolau estava sentado na cozinha, quando de repente, ZUM! ZAS! ZIPS! PIC! AAAIII!... alguma coisa picou o seu pé. Furioso, começou a procurar o que o picara.

Nada atrás.

Nada à frente.

Nada à esquerda.

Nada à direita.

Nada acima de sua cabeça.

Nada no chão.

O que tinha dado uma picada em seu pé?

— Já sei! — gritou ele. E tirou o tênis branco com listras vermelhas.

Mas também não encontrou **nada**.

Muito intrigado, Nicolau tirou a meia, que era ainda mais vermelha. E, de novo, **nada**.

- Quem é Nicolau? Onde ele está?
- Pela leitura do primeiro parágrafo, você imagina o que pode ter picado Nicolau?
- Você sabe o que significam as palavras ZUM! ZAS! ZIPS! PIC! AAAIII?
- Por que você acha que a palavra nada se repete tantas vezes? Você acha que a repetição é necessária?

Vamos continuar a leitura?

Nicolau sacudiu a perna e uma formiguinha negra como carvão e magricela como um alfinete caiu no chão.

Ainda meio tonta por causa do tombo, ela cobriu a cabecinha com as antenas, como se pedisse desculpas.

Percebendo que a formiga era assim tão educada, Nicolau a convidou para sentar-se em um palito de fósforo e se acomodou na frente dela.

- A formiga, como Nicolau, também é personagem da história. Para apresentá-la ao leitor, o autor a compara com:
 - o carvão porque é negra (pretinha);
 - o alfinete porque é magricela (magrinha).
- Neste mesmo trecho podemos perceber outras características da formiga. Características que indicam seu comportamento, seu modo de ser. Marque no trecho acima passagens que mostram como a formiga se comporta, como ela age.
- No trecho "Nicolau a convidou para sentar-se em um palito de fósforo..." que outra característica da formiga podemos identificar?
- Todas as características da formiga são importantes. Mas qual delas é a mais importante para a compreensão do texto?

Quem é Nicolau? Onde ele está? Se os alunos reconhecerem o texto como narrativo ficcional, vão responder que Nicolau é um personagem da história e que está na cozinha, provavelmente, de sua casa.

Quem é Nicolau?

Onde ele está? Só pela leitura do primeiro não é possível afirmar o que picou o menino. O próprio uso do verbo **picar** já dá ao leitor algumas pistas.

Você sabe o que significam as palavras ZUM! ZAS! ZIPS! PIC! AAAIII? Se os alunos ainda não conheceram, ou não tiverem ouvido falar em onomatopéia, essa é uma boa hora para conversar com eles. Pergunte-lhes se todos têm o mesmo significado. ZUM é diferente de ZAS; Zum pode significar o som produzido pela formiga; ZAS, o movimento; PIC, a picada que ela dá no menino, e aí, o grito do menino.

Por que você acha que a palavra **nada** se repete tantas vezes? Você acha que a repetição é necessária? Os alunos devem perceber que a repetição foi uma opção do autor para enfatizar a ausência, ou seja, embora o menino insistisse na procura, não encontrava o que o havia picado.

As questões propostas na releitura deste trecho pretendem chamar atenção dos alunos para a forma como o autor caracterizou/apresentou um dos personagens da história: a formiga.

Além da magricela e negra é possível depreender do parágrafo que a formiga é pequena, já que pode sentar-se em um palito de fósforo; mas a principal característica da formiga, aquela que justifique a história, a confusão é, sem dúvidas o fato de ela ser **daltônica**.

Se esta característica não estivesse presente, a história, provavelmente, não existiria.

Para não esquecer!

O personagem é um ser inventado pelo autor. Ele é responsável pelo desenvolvimento da história. A imagem do personagem é construída a partir das suas características, que podem dizer respeito a sua aparência física, ao seu modo de ser e de agir.

→ **Você acha que é possível confundir uma meia com uma folha de alface?**

— Sabe, eu não queria te picar. Mas confundi sua meia com uma folha de alface e, como estava morrendo de fome, nhac!... dei uma mordida.

— Mas que biruta! Confundir minha meia com uma folha verde de alface... — resmungou Nicolau, levantando.

Ao ouvir isso, a formiga se sentiu muito ofendida e abaixou a cabeça. Nicolau compreendeu que não devia ter zombado dela. Pegou um biscoito e deu um pedacinho para a formiga.

Em princípio, a explicação da formiga não convence o menino, pois ele, ainda, não sabe que a formiga é **daltônica**. Depois de saber o motivo da confusão de formiga, e de ter se exaltado, Nicolau tenta se desculpar oferecendo um pedaço de biscoito à formiga.

Chame a atenção dos alunos e questione-os sobre

- na fala da formiga, por que a repetição do “eu... eu...”. Seria interessante que ele percebesse que a formiga, no fundo, se sente constrangida com a situação e sente dificuldade em falar.
- na fala do menino, a interrupção da pronúncia da palavra daltônica e a pergunta o quê? mostram que o menino, provavelmente, desconhece o significado da palavra.

- A explicação da formiga convenceu Nicolau? Como você sabe disso?
- Por que Nicolau achou que a formiga era biruta? Se ele já soubesse do problema da formiga, ele teria agido diferente?
- Que atitude de Nicolau demonstra que ele é compreensivo, generoso, educado?

→ **E os dois, se entenderam?**

— É que eu... eu... sou daltônica.

— Dal... o quê? Nicolau perguntou espantado.

— Daltônica. Eu sou uma formiga daltônica.

- Agora, é possível compreender a confusão da formiga. Mas será que o Nicolau também entendeu?
- Por que você acha que o Nicolau ficou espantado?
- Vamos recuperar a seqüência da história, observando a ordem em que os fatos aconteceram. Ordene as frases numa seqüência adequada e você terá o resumo do texto.
 - () A formiga tenta explicar o motivo de ter picado o menino.
 - () Nicolau começa a procurar o que o picou.
 - () Nicolau não se conforma com a explicação da formiga e pergunta como ela pode ter confundido sua meia com uma folha de alface.
 - () Nicolau tira o tênis e a meia, na tentativa de encontrar o que o picara.
 - () Nicolau está na cozinha e leva uma picada.
 - () Nicolau sente cócegas na perna.
 - () Nicolau descobre o que o picara.
 - () A formiga explica ao menino que é daltônica.

Na aula 5, você conversou com seus colegas sobre um texto muito interessante: *Nicolau e a formiga daltônica*. Com certeza, a conversa foi divertida, pois *formiga daltônica* é coisa pouco comum.

Hoje vamos ler outro texto, mas, principalmente, vamos falar de narrador e autor. Para isso, sugerimos, para começar, a leitura de um texto de Ziraldo. Vamos à leitura?

Leia o texto.

O Juquinha estava distraído, cabeça baixa, mexendo embaixo da carteira.

A professora chega perto e vê que ele está desmontando a caneta.

– Que é isso, menino?

E o Juquinha:

– Estou tentando ver de onde saem as letrinhas!

ZIRALDO. *As Anedotinhas do Bichinho da Maçã*.
São Paulo: Melhoramentos, 1997, p.11.

Após a leitura do texto, você saberia dizer

- quem conta a história?
- quem conta a história participa dela como personagem?

Qualquer história que ouvimos ou lemos foi criada e escrita por alguém. Quem cria e escreve uma história é o **AUTOR**. O autor é uma **pessoa real**, que existe na vida real. Vamos conhecer **Ziraldo**, o autor do texto que você leu na atividade 1. Mas, antes disso, teste seus conhecimentos.

Das obras abaixo, assinale aquelas que foram escritas por **Ziraldo**.

- () O menino marrom
- () A fada que tinha idéias
- () O menino maluquinho
- () Bisa Bia, Bisa Bel
- () O planeta lilás
- () Reinações de Narizinho
- () O Reizinho mandão
- () Flicts
- () Nicolau teve uma idéia

O AUTOR

Ziraldo Alves Pinto nasceu no dia 24 de outubro de 1932 em Caratinga, Minas Gerais. Começou sua carreira nos anos 50 em jornais e revistas de expressão, como *Jornal do Brasil*, *O Cruzeiro*, *Folha de Minas* etc. Além de pintor é cartazista, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista e escritor.

Ziraldo explodiu nos anos 60 com o lançamento da primeira revista em quadrinhos brasileira feita por um só autor: *A Turma do Pererê*.

Orientações para o professor

Peça aos alunos para lerem individualmente o texto de Ziraldo. Em seguida, solicite que contem a história que leram. Embora a anedotinha pareça bastante simples, é possível que alguns alunos não a compreendam, o que exige uma nova leitura, orientada por você.

Atividade 1

A confusão entre autor e narrador é comum e, por isso, precisa ser tratada com tranquilidade, com muita conversa, com muitas atividades que coloquem o aluno em contato com as obras e, evidentemente, com a leitura dessas obras.

Você pode, por exemplo, se tiver disponível na biblioteca da escola, levar para a sala de aula as obras citadas na atividade de descoberta dos livros que Ziraldo escreveu. Depois que eles fizerem a atividade, deixe-os manusear os livros. Desse exercício pode surgir a vontade de querer lê-los.

Proponha uma leitura (de um aluno ou sua), em voz alta, do texto sobre o autor Ziraldo. Em seguida, peça que comentem o texto. Como há muitas informações no texto, é importante que você não deixe os alunos se desviarem do assunto proposto para a aula: diferença entre autor e narrador.

Provavelmente, os alunos já ouviram falar de Ziraldo. Por isso, explore do texto as informações que eles desconhecem. Principalmente, trechos que possam dificultar a compreensão do texto como: fenômeno editorial, chargista, caricaturista.

Leia abaixo outras informações sobre Ziraldo. Elas poderão auxiliá-lo na aula.

No ano de 1969 grandes acontecimentos marcaram a vida do artista. Ganhou o Oscar Internacional de Humor no 32º Salão Internacional de Caricaturas de Bruxelas e o prêmio Merghantealler, prêmio máximo da imprensa livre da América Latina, patrocinado pela Associação Internacional de Imprensa, recebido em Caracas, Venezuela. Foi convidado a desenhar o cartaz anual da UNICEF, honraria concedida pela primeira vez a um artista latino.

Ziraldo fez um mural para a inauguração do Canecão, casa noturna do Rio de Janeiro, numa parede de mais de cento e oitenta metros quadrados. Esta obra foi reproduzida em várias revistas do mundo, mas encontra-se hoje escondida atrás de um painel de madeira.

Foi ainda nesse ano que publicou seu primeiro livro infantil, **FLICTS. É a história de uma cor que não encontrava seu lugar no mundo. Nesse livro usou o máximo de cores e o mínimo de palavras.** A Embaixada Dos Estados Unidos no Brasil presenteou com um exemplar os astronautas americanos que pisaram na lua pela primeira vez, quando de sua visita ao Brasil. Neil Armstrong, um dos astronautas leu o livro e comovido, escreveu ao autor: The moon is FLICTS (A lua é FLICTS).

Na década de 70, com seu trabalho já consagrado, Ziraldo prosseguiu abrindo caminhos no Brasil e no mundo. Desde 1972 seus trabalhos são sempre selecionados pela revista *Graphis Anual* e *Graphis Porter*.

Atividade 2

Use uma estratégia diferente. Peça aos grupos que resolvam a atividade e, depois, leiam o que fizeram. Deixe, primeiro, que troquem informações entre eles, dêem opiniões, sugiram modificações, levantem dúvidas etc.. Com certeza, eles já se sentem mais seguros para realizar essa tarefa, pois já fizeram muitas atividades.

Além dessas questões propostas na atividade, você poderá acrescentar outras, aquelas que surgirem durante a conversa, resultado das hipóteses levantadas pelos alunos.

Para fechar, escolha um grupo que se disponha a concluir o trabalho, expondo-o para a classe. Você se incumba de apurar as arestas e desfazer, na medida do possível, as dúvidas sobre o assunto.

Depois que os alunos identificarem o narrador (narrador – observador, não participa da história como personagem), questione-os sobre o conhecimento que o narrador tem do personagem; se esse conhecimento é específico de Cristina, ou se é do comportamento de crianças como ela. Que passagens do texto mostram esse conhecimento?

Para a identificação do(a) autor(a), solicite a um aluno que aponte onde esta informação aparece no texto. Esse é um bom momento para você retomar a leitura da referência

Em 1969 Ziraldo publicou o seu primeiro livro infantil, **FLICTS**, que conquistou fãs em todo o mundo. A partir de 1979 concentrou-se na produção de livros para crianças, e em 1980 lançou **O Menino Maluquinho**, um dos maiores fenômenos editoriais no Brasil de todos os tempos. O livro já foi adaptado com grande sucesso para teatro, quadrinhos, ópera infantil, vídeo-game, Internet e cinema. Uma seqüência do filme deve ser lançada em breve!

Seus trabalhos já foram traduzidos para diversos idiomas como inglês, espanhol, alemão, francês, italiano e basco. Os trabalhos de Ziraldo representam o talento e o humor brasileiros no mundo. Estão até expostos em museu!

www.ziraldo.com/livros

Para não esquecer!

O narrador não se confunde com o autor do texto ou com o escritor. O autor pertence ao mundo real e o narrador é um ser inventado, criado, e é esse narrador quem nos conta a história.

Atividade 2

Leia o texto abaixo.

Arroz com feijão e abobrinha

Eram onze horas da manhã de uma quarta-feira, linda, ensolarada e Cristina, de uniforme, junto à mesa, esforçava-se para engolir o almoço. Qual a criança que gosta de ir para a escola num dia tão bonito, quando o céu parece recém-pintado de azul e os passarinhos brincam de pegador no jardim? Não Cristina, por certo. Ela preferia estar de bermuda e sandália, mordendo goiaba em cima da árvore, andando de patins ou de pernas-de-pau. Em vez disto, obrigavam-na a usar aquele uniforme quente, meias três quartos, sapatos, e a comer arroz com feijão e abobrinha.

LUZ, Flávia Ribeiro da. *Arroz com feijão e abobrinha*. São Paulo: Melhoramentos, 1984, p.2.

Agora, tente responder às questões.

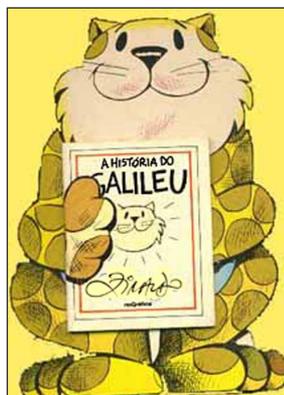
1) Leia novamente o texto e marque as informações que respondem às perguntas:

- quem é o personagem?
- onde ele estava?
- o que estava fazendo?
- por que ele precisava almoçar?
- como estava tentando almoçar?
- quando aconteceu tudo isso?

- 2) Quem conta a história que você leu? Quem conta a história participa dela como personagem? Justifique sua resposta com passagem do texto.
- (3) Quem é o autor dessa história, ou seja, quem a escreveu? Como foi possível obter essa informação?

Atividade 3

Leia as capas dos livros abaixo.



Agora, converse com seus colegas.

	... livro 1	... livro 2	... livro 3
Quem é o autor do...			
Qual o título do...			

Você conhece os autores desses livros? Que informações você poderia passar aos colegas de classe sobre eles?

Caso você não os conheça, peça à professora para que fale sobre eles. Depois procure na biblioteca de sua escola os livros. Leia-os. Com certeza você vai gostar.

bibliográfica que aparece no final de todos os textos trabalhados nas atividades. Trabalhe cada item que aparece na referência.

LUZ, Flávia Ribeiro da. *Arroz com feijão e abobrinha*. São Paulo: Melhoramentos. 1984, p.2.

1. Quem é Flávia Ribeiro da Luz? Você já tinha ouvido falar dela?
2. Você já viu essa informação antes? Onde? Por que ela aparece aqui? Essa informação é importante para o leitor? Por quê?
3. Por que a palavra **São Paulo** aparece aqui? Que relação existe entre ele e a palavra **Melhoramentos**?
4. O que você acha que significa essa palavra. Você já a encontrou em outro texto? Qual?
5. Que número é esse? É um ano? Por que ele aparece, o que significa?
6. O que significa "p"? E o número 2? Há alguma relação desse número com o número 1984?

Atividade 3

Se você tiver essas obras disponíveis na biblioteca da escola, leve-as para a sala de aula. Você pode, evidentemente, além dessas, selecionar outras. Quanto mais melhor, pois, assim, os alunos poderão manusear, trocar informações, ter seu interesse despertado para a leitura das obras. Além das informações sobre autor e título, há as informações sobre o ilustrador, a editora. Se eles se interessarem por essas informações, forneça-as.

Você pode propor o desenvolvimento da atividade da seguinte forma: dê a cada grupo dois ou três livros. Peça-lhes para anotar, no caderno, todas as informações presentes nas capas dos livros, mesmo aquelas que eles não sabem o que significam como o logotipo de algumas editoras. Estipule um tempo, não muito extenso, para a execução dessa tarefa. Em seguida, peça aos grupos para apresentarem o resultado para a classe.

Para que a atividade fique mais interessante, você pode ir, durante a apresentação dos grupos, fazendo perguntas sobre as obras apresentadas como: por que vocês acham que as letras do título do livro são diferentes das letras do nome do autor? *Há diferença, também, no tamanho das letras? O que vocês acharam da ilustração? Ela tem alguma relação com o título da obra? Vocês já conheciam esse livro? Vocês gostariam de lê-lo? Por quê? O que mais chamou a atenção na capa do livro?*

Orientações para o professor

Atividade 1

Solicite que leiam o texto, individual e silenciosamente. Em seguida, peça que contem a história que leram. Fique atento à reprodução oral que os alunos farão, grave as informações que conseguiram apreender na primeira leitura que fizeram.

Como o texto é curto, passe-o no quadro de giz, a fim de que vocês possam marcar no próprio texto as palavras ou expressões que indicam se o narrador participa da história como personagem, ou não. Faça essa atividade coletivamente, **retomando, sempre, todos os conceitos que já foram vistos em aulas anteriores.**

Para a conversa sobre o texto, a fim de verificar se os alunos identificam o narrador do texto, você pode propor questões como:

- Quem descobriu que a gansa punha ovos de ouro? É ele quem conta a história? Como é possível saber isso?
- Se em lugar de “Apanhou o ovo, correu para casa, mostrou-o à mulher..” ; tivéssemos, **“Apanhei o ovo, corri para casa, mostrei-o à minha mulher...”**, o narrador continuaria sendo o mesmo? Por quê? O que mudou?

Na aula 6, você teve a oportunidade de ler um texto de Ziraldo, autor de muitas obras dirigidas ao público infantil como: *O menino marrom*, *O menino Maluquinho*, *Flicts*, *O planeta lilás*, *As anedotinhas do Bichinho da maçã*. Pôde conversar com os colegas sobre **autor e narrador**. Além disso, você pôde conversar também sobre dois outros autores: *Ruth Rocha* e *Ana Maria Machado*.

Hoje, você vai conhecer um outro autor: *Esopo*. Mas, antes, leia um dos muitos textos que ele escreveu. Talvez você já tenha ouvido falar dele e poderá contar o que sabe aos colegas.

Atividade 1

Leia o texto.

A gansa de ovos de ouro

Esopo

Certa manhã um fazendeiro descobriu que sua gansa tinha posto um ovo de ouro. Apanhou o ovo, correu para casa, mostrou-o à mulher, dizendo:

— Veja! Estamos ricos!

Levou o ovo ao mercado e vendeu-o por um bom preço.

Na manhã seguinte, a gansa tinha posto outro ovo de ouro, que o fazendeiro vendeu a melhor preço. E assim aconteceu durante muitos dias. Mas, quanto mais rico ficava o fazendeiro, mais dinheiro queria. E pensou: “— Se esta gansa pôs ovos de ouro, dentro dela deve haver um tesouro!”

Matou a gansa e, por dentro, a gansa era igual a qualquer outra.

“Quem tudo quer tudo perde.”

→ **Converse com seus colegas**

Você já sabe que autor é diferente de narrador. Sabe também que quem conta a história é o narrador.

Agora, você já pode dizer quem conta a história *A gansa de ovos de ouro*? Quem conta essa história participa dela como personagem? Ou conta de fora o que se passa? Mostre aos colegas como você descobriu as respostas para essas questões.

Atividade 2

Você pôde perceber que os fatos ocorrem numa seqüência. Preencha o quadro observando a ordem dos fatos.

O fazendeiro descobriu que sua gansa tinha posto um ovo; apanhou-o e mostrou-o à sua mulher, depois vendeu-o no mercado.

O fazendeiro resolveu matar a gansa porque achou que dentro dela havia um tesouro.

O fazendeiro descobriu que a gansa, depois de morta era igual a qualquer outra.

Você já preencheu os quadros e, provavelmente, não encontrou dificuldade em fazê-lo. Mas, você pensou o porquê de os fatos terem seguido essa seqüência?

Se o fazendeiro não tivesse descoberto que sua gansa botava ovos de ouro, ele teria ido ao mercado vendê-los?

O fazendeiro só pôde levar o ovo e vendê-lo, porque ele descobriu que a galinha botara um ovo de ouro.

E se a gansa não tivesse botado outro ovo de ouro, o fazendeiro teria voltado à cidade para vendê-lo?

Certa manhã um **fazendeiro descobriu que sua gansa tinha posto um ovo de ouro**. Apanhou o ovo, correu para casa, mostrou-o à mulher, dizendo:

— Veja! Estamos ricos!

Levou o ovo ao mercado e vendeu-o por um bom preço.

Na manhã seguinte, **a gansa tinha posto outro ovo de ouro**, que o **fazendeiro vendeu a melhor preço**. E assim aconteceu durante muitos dias. Mas, quanto mais rico ficava o fazendeiro, mais dinheiro queria. E pensou: “— Se esta gansa pôs ovos de ouro, dentro dela deve haver um tesouro!”

Matou a gansa e, por dentro, a gansa era igual a qualquer outra.

Atividade 2

Encaminhe a atividade de forma que os alunos possam observar que há no texto *A gansa de ovos de ouro* um **conjunto de fatos**. E que os fatos em uma narrativa têm uma motivação (**causa**) e sua ocorrência desencadeia novos fatos (**conseqüência**). A esse conjunto de fatos articulados na história damos o nome de **enredo**, que é um dos elementos constitutivos do texto narrativo. Na próxima aula continuaremos a falar sobre esse assunto: enredo.

Orientações para o professor

Atividade 1

Divida a classe em grupos de, no máximo, 4 alunos (grupos muito grandes são pouco produtivos). Depois, solicite que leiam o texto.

Após a leitura, peça que resolvam as questões propostas. Durante o tempo em que os alunos estiverem trabalhando em grupo, percorra a classe, a fim de observar como eles tentam resolver as questões propostas. Se possível, registre as estratégias utilizadas por eles: elas podem ser de grande utilidade para você em outras aulas.

Quando todos tiverem terminado, proponha a correção coletiva. Não deixe nenhum aluno em atitude passiva; esses são os que mais precisam de auxílio. Deixe-os falar suas respostas, pergunte-lhes como chegaram a elas, qual foi o caminho percorrido.

Na aula 7, você leu o texto **A gansa de ovos de ouro**, e pôde conversar com os colegas sobre ele. Além disso, você teve a oportunidade de fazer uma atividade em que observou a seqüência dos fatos da história. Ao conjunto de fatos articulados na história damos o nome de **enredo**.

Hoje, você vai saber mais sobre o enredo. Descobrirá como é a relação de causa e conseqüência dos fatos narrados.

Atividade 1

Leia o texto.

O SOCORRO

Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão — coveiro — era cavar. Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais. Tentou sair da cova e não conseguiu. Levantou o olhar para cima e viu que, sozinho, não conseguiria sair. Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite. Sentou-se no fundo da cova, desesperado. A noite chegou, subiu, fez-se o silêncio das horas tardias. Bateu o frio da madrugada, e, na noite escura, não se ouvia um som humano, embora o cemitério estivesse cheio dos pipilos e coaxares naturais dos matos. Só pouco depois da meia-noite é que lá vieram uns passos. Deitado no fundo da cova, o coveiro gritou. Os passos se aproximaram. Uma cabeça ébria apareceu lá em cima, perguntou o que havia: “O que é que há?”

O coveiro então gritou, desesperado: “Tire-me daqui, por favor. Estou com um frio terrível!” “Mas, coitado!” — condoeu-se o bêbado — “Tem toda razão de estar com frio. Alguém tirou a terra de cima de você, meu pobre mortinho!” E, pegando a pá, encheu-a de terra e pôs-se a cobri-lo cuidadosamente.

Moral: Nos momentos graves é preciso verificar muito bem para quem se apela.

Millôr Fernandes. *Fábulas Fabulosas*.

Após a leitura do texto, reúna-se com seus colegas de grupo e tente responder às perguntas.

- O texto começa com a palavra **ele**, quem é **ele**? Como você sabe disso?

- Qual era a profissão dele? Onde aparece essa informação no texto?

- Por que ele estava cavando?

- O que o autor pretende com a repetição de *cavando, cavando, cavando*? Seria diferente se ele usasse *cavou muito*? Por quê?

- De que forma o coveiro tentou solucionar seu problema? Onde aparece essa informação no texto? Ele conseguiu a resolução? Por quê?

- Em quem o coveiro depositou suas esperanças?

- As expressões *uns passos* e uma *cabeça ébria* se referem a que ou a quem?

Atividade 2

Quando todos tiverem terminado, proponha a correção coletiva. Não deixe nenhum aluno em atitude passiva; esses são os que mais precisam de auxílio. Deixe-os falar suas respostas, questione-lhes como chegaram a elas, qual foi o caminho percorrido

Apresenta o momento inicial que serve para orientar a leitura do texto. Essa orientação se refere à situação em que os personagens estão envolvidos, ao lugar, ao tempo em que ocorrem os fatos.	Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão — coveiro — era cavar. Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais.
O momento da história em que ocorre a transformação da situação inicial, ou seja, aparece na narrativa um elemento complicador .	O personagem está habituado a cavar, pois essa é sua profissão; no entanto, por distração, acabou por cavar uma cova funda demais, da qual não consegue sair sozinho .
Os momentos da história em que se percebe o movimento para resolver a situação.	<p>1ª tentativa de resolução do problema "Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar..."</p> <p>A primeira tentativa para resolver o conflito foi pedir por socorro, que aparece numa gradação do simples ato de gritar até esbravejar (que caracteriza o desespero do personagem).</p> <p>2ª tentativa de resolução do problema O coveiro então gritou, desesperado: "Tire-me daqui, por favor. Estou com um frio terrível!"</p> <p>A segunda tentativa para resolver o conflito aparece a partir do momento em que o personagem ouve passos (passos identificam uma pessoa, mas não sabemos quem pode ser. Logo depois, temos mais informações, que é uma cabeça ébria (que tipo de ajuda uma pessoa que não está em suas melhores condições físicas, poderia dar ao personagem?). Aqui, já temos indícios de que o personagem pode não ter a ajuda de que necessita.</p>
Resolução do problema.	<p>"Mas, coitado!" — condoeu-se o bêbado — "Tem toda razão de estar com frio. Alguém tirou a terra de cima de você, meu pobre mortinho!" E, pegando a pá, encheu-a de terra e pôs-se a cobri-lo cuidadosamente.</p> <p>Embora o personagem não consiga sair da cova, o problema é resolvido com a atitude do bêbado de "cobrir o mortinho".</p>

Atividade 2

Depois de ter lido e analisado o texto junto com seus colegas, tente, sozinho, completar o quadro abaixo. Ao completá-lo você estará retomando o **enredo** da história.

Apresenta o momento inicial que serve para orientar a leitura do texto. Essa orientação se refere à situação em que os personagens estão envolvidos, aos personagens, ao lugar, ao tempo em que ocorrem os fatos.	Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão — coveiro — era cavar. Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais.
O momento da história em que ocorre a transformação da situação inicial, ou seja, aparece na narrativa um elemento complicador .	
Os momentos da história em que se percebe o movimento para resolver a situação.	<p>1ª tentativa de resolução do problema "Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar..."</p> <p>2ª tentativa de resolução do problema</p>
Resolução do problema	

Novamente, você e seus colegas vão conversar sobre o que cada um fez na atividade. Não se esqueça de expor suas opiniões, tirar dúvidas, ouvir o que os colegas têm a dizer, conferir o quadro ao final da conversa.

Não se esqueça!

Enredo é o conjunto de fatos de uma história. Cada fato da história tem uma motivação (causa), nunca é à toa e sua ocorrência desencadeia novos fatos (conseqüência). Para se entender a organização dos fatos no enredo não basta perceber que toda história tem começo, meio e fim; é preciso compreender o elemento estruturador: o **conflito**.

Conflito é qualquer componente (novo fato) da história que se opõe a outro criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor. O conflito, via de regra, determina as partes do enredo.

Se o coveiro, apesar de ter cavado muito, conseguisse sair sozinho da cova, não haveria um problema a ser resolvido e, sendo assim, não haveria conflito.



*Unidade***2**

Leitura e Produção de
Textos Narrativos
Ficcionais

Leitura e Produção de
Textos Narrativos Ficcionais

Você, com certeza, já leu muitas histórias. Delas guardou na memória a imagem de muitos personagens.

Mas por que alguns personagens ficam tão marcados em nossa memória? O que eles têm que prendem tanto a nossa atenção?

Você se lembra do nome de um personagem que ficou marcado na sua memória? O que ele tinha que o atraiu tanto? Fale sobre ele para os colegas.

Hoje você vai ler uma história muito interessante. Conversará com seus colegas sobre ela. Terá a oportunidade de falar sobre todos os elementos da narrativa ficcional. Mas, principalmente, falará sobre personagens.

Atividade 1

Leia o texto.

Nariz em pé

Claudinha foi morar na rua das Palmeiras, naquela semana, e logo procurou tornar-se amiguinha de toda criançada.

Com as meninas foi fácil, mas com os meninos...

Numa sexta-feira, os garotos jogavam bolinhas de gude, num canto da rua. Claudinha apareceu como quem não queria nada, de saia vermelha e blusa da mesma cor e, na cabeça, um laço de fita. De mãos na cintura, apreciava a brincadeira. A cada gude dos garotos, ia ficando cada vez mais com vontade de participar do jogo. A vontade era tanta, que ela não agüentou. Tomou coragem e pediu para entrar.

— Ah, Claudinha, não pode não – disse Rodrigo –, você não tem bolinhas para colocar na roda!

— Quem disse que eu não tenho? – falou a menina batendo o pé.

— Lá em casa tem uma sacola cheinha!

Claudinha correu em casa e, logo depois, voltou com um monte de bolinhas de vidro. Daquelas bonitas, graúdas e coloridas.

— E agora? Posso jogar?

— Mas você usa laço de fita – falou André com pouco caso. Eu nunca vi um jogador de bolinhas de gude com laço de fita!

Sem pensar um só segundo, Claudinha tirou dos cabelos o laço.

— Posso jogar agora?

— Poderia se você não usasse saia – falou Dudu com enorme cara de deboche.

Claudinha virou as costas e rumou para casa. Os meninos pensaram, então, que finalmente a tinham vencido. Mas enganaram-se redondamente. Minutos depois ela voltou usando sabe o quê? ... Calças compridas!

Rodrigo, André e Dudu ficaram admirados com a teimosia da menina. Ela queria porque queria entrar na brincadeira.

— Puxa! – exclamou Rodrigo. — Você não desiste mesmo, heim?

Orientações para o professor

Antes de iniciar a aula, é importante que você observe a **predisposição dos alunos** para o encaminhamento proposto na atividade. Às vezes, a estratégia sugerida para determinada atividade é adequada e eficiente para o início do período escolar, mas ineficiente para o momento em que os alunos voltam do intervalo, por exemplo. Sinta-se à vontade para usar outra estratégia, caso perceba que os alunos estão desestimulados.

Incentive os alunos a falarem sobre os personagens que marcaram suas vidas. Se possível, registre o nome e as justificativas para o fato de terem guardado esses personagens na memória.

Nesse momento, deixe que falem de quaisquer personagens: dos desenhos animados, dos filmes, dos livros, das revistas em quadrinhos etc.. O mais importante é que você vá, junto com eles, levantando características desses personagens.

Depois dessa conversa inicial, explique-lhes o porquê de estarem conversando sobre personagens conhecidos. É importante que eles saibam que essa conversa tem relação com o que farão na aula.

Atividade 1

- Solicite que leiam, individual e silenciosamente, o texto.
- Peça para que comentem o que acharam do texto, de que personagem mais gostaram, por quê...

Atividade 2

- Peça a um aluno para ler o texto em voz alta antes de começarem a fazer as atividades.
- Após a leitura, divida a classe em grupos de, no máximo, quatro alunos (grupos muito grandes não são muito produtivos).
- No início, deixe que os alunos tentem, sozinhos, preencher o quadro. Fique atento apenas às estratégias usadas por eles no sentido de resolver o que foi proposto. É possível que determinado grupo volte ao texto, releia-o, procure no discurso do narrador as características; além disso, é provável que, nesse momento, os alunos busquem apenas as características físicas dos personagens, aquelas que estão na superfície do texto como "...ele era alto e magro...", ou "...ela tinha sardas no rosto...". Em geral, eles ainda não têm clareza de que o personagem se constrói ao longo do texto, de que é preciso, durante o processo de

leitura, ir depreendendo essa construção que pode estar presente no discurso do narrador, na fala do personagem...

- Depois que os alunos terminarem de preencher o quadro, confira coletivamente o que fizeram. Não se preocupe se eles não conseguirem apreender todas as informações nessa atividade, pois o exercício será retomado na aula seguinte.

Quanto à caracterização dos personagens, é importante que os alunos percebam como é cada um deles.

Claudinha: modo de se vestir (3º parágrafo); atração pelo jogo de bolinhas de gude; persistente, teimosa, corajosa...

André, Dudu e Rodrigo: é possível caracterizar os três de uma só vez, pois constituem um grupo ("dos bolinhas") em que menina não entra. Eles são amigos, teimosos; percebe-se o constrangimento que os meninos têm em impedir que Claudinha entre no jogo; por isso, várias desculpas (a falta de bolinhas de gude, a roupa) são inventadas.

Nunca vi uma menina de nariz mais em pé.

— Eu sou mesmo. Não vou desistir.

— Mas, desta vez, garota, pode ir tirando o seu cavalinho da chuva! — falou André.

— Por quê?

— Porque nós não vamos deixar você brincar com a gente — afirmou Dudu.

— Não entendo por quê. Tenho as bolinhas, já tirei o laço de fita dos meus cabelos e até troquei a saia, que era tão bonitinha. Depois de um curto silêncio, os meninos responderam:

— Não pode jogar, porque você é menina!

Converse com seus colegas

O que você achou da história? Que personagem mais chamou sua atenção? Por quê? Se você estivesse no lugar do Dudu, agiria da mesma forma? Por quê?

Atividade 2

Reúna-se com seus colegas de grupo e tente preencher o quadro abaixo observando as características de cada personagem.

Antes de começar a tarefa, não se esqueça de que...

o personagem é um ser inventado pelo autor. E que a imagem do personagem é construída a partir das suas características, que podem dizer respeito a sua aparência física, ao seu modo de ser e de agir. Lembre, também, que essas características podem aparecer nas falas dos personagens.

NOME DO PERSONAGEM	CARACTERÍSTICAS DO PERSONAGEM
Claudinha	
Rodrigo	
André	
Dudu	

Na aula 1, você e seus colegas leram e conversaram sobre o texto **Nariz em pé**. Hoje vamos falar um pouco mais sobre esse texto. Ao final desta aula, volte à aula 1 e confira o quadro que você preencheu na atividade 2.

- COMO IDENTIFICAR A FALA DOS PERSONAGENS?
- POR MEIO DA FALA DELES, É POSSÍVEL IDENTIFICAR SUAS CARACTERÍSTICAS? COMO?



Vamos tentar responder a essas perguntas relendo o texto?

(...) De mãos na cintura, apreciava a brincadeira. A cada gude dos garotos, ia ficando cada vez mais com vontade de participar do jogo. A vontade era tanta, que ela não agüentou. Tomou coragem e pediu para entrar.

— Ah, Claudinha, não pode não – disse Rodrigo — você não tem bolinhas para colocar na roda!

— Quem disse que eu não tenho? – falou a menina batendo o pé.

— Lá em casa tem uma sacola cheinha!

Quem fala a frase: “De mãos na cintura, apreciava a brincadeira. A cada gude dos garotos, ia ficando cada vez mais com vontade de participar do jogo. A vontade era tanta, que ela não agüentou.” E a frase “Tomou coragem e pediu para entrar.”?

No texto, você encontrou o trecho que reproduz a fala de Claudinha pedindo para entrar no jogo?

Como você ficou sabendo que ela fez o pedido? Quem lhe contou esse fato?

Agora leia a frase: “— Ah, Claudinha, não pode não – disse Rodrigo – você não tem bolinhas para colocar na roda!”

Quem diz essa frase? Como você descobriu o autor da frase?

Orientações para o professor

Antes de iniciar as atividades, peça a um aluno para ler o texto da aula 1, em voz alta. Se houve, por algum motivo, um intervalo grande entre as aulas, além da leitura, é importante que se comente rapidamente o texto.

Atividade 1

Todas as questões propostas na atividade pretendem levar os alunos a identificarem a fala do narrador e as falas dos personagens. Mas, para que essa reflexão seja possível, é necessário que você instigue os alunos a falarem o que pensam sobre o assunto. Se as questões propostas não forem suficientes, proponha outras, orientando-se, evidentemente, pelas hipóteses, dúvidas apresentadas pelos alunos.

Em geral, não é fácil para o aluno perceber que num texto há falas dentro de outras falas. Por isso é importante que você tenha a sensibilidade para perceber qual é exatamente a dificuldade, em que ponto a compreensão do que significa discurso direto acontece para o aluno.

A fim de que os alunos possam compreender melhor o **discurso direto**, é aconselhável que você retome alguns aspectos do texto narrativo como:

(...) De mãos na cintura, apreciava a brincadeira. A cada gude dos garotos, ia ficando cada vez mais com vontade de participar do jogo. A vontade era tanta, que ela não agüentou. Tomou coragem e pediu para entrar.

— Ah, Claudinha, não pode não — disse Rodrigo — você não tem bolinhas para colocar na roda!

— Quem disse que eu não tenho? — falou a menina batendo o pé. — Lá em casa tem uma sacola cheinha!

Quem fala a frase: “De mãos na cintura, apreciava a brincadeira. A cada gude dos garotos, ia ficando cada vez mais com vontade de participar do jogo. A vontade era tanta, que ela não agüentou.” E a frase “Tomou coragem e pediu para entrar.”?

As duas frases são ditas pelo narrador; no caso, um narrador-observador, aquele que conta a história, mas não participa dela como personagem. Você pode pedir aos alunos que identifiquem no texto palavras ou expressões que comprovem essa afirmação.

No texto, você encontrou o trecho que reproduz a fala de Claudinha pedindo para entrar no jogo?

Solicite a um aluno que grife no texto o trecho

que reproduz a fala da menina. Em seguida, questione os alunos sobre por que foi possível que identificassem essa fala como sendo da menina. Nesse momento é que os alunos terão a oportunidade de conversar sobre o discurso direto.

Como você ficou sabendo que ela fez o pedido? Quem lhe contou esse fato? Não é possível precisar todas as hipóteses que os alunos têm sobre como se apresenta a fala de um personagem no texto.

Agora leia a frase: “— Ah, Claudinha, não pode não – disse Rodrigo – você não tem bolinhas para colocar na roda! Quem diz essa frase? Como você descobriu o autor da frase? Quem fala: “disse Rodrigo”?

Aqui, é importante que os alunos percebam que o travessão que aparece no início da fala de Claudinha e o que aparece antes e depois de disse Rodrigo, não têm a mesma função. No início da frase introduz a fala do personagem; no meio da frase, isola a fala do narrador da fala do personagem.

- Agora, responda...de quem é a fala...
“— **Mas você usa laço de fita – falou André com pouco caso. Eu nunca vi um jogador de bolinhas de gude com laço de fita!**”

Como você identificou o autor dessa fala? É o mesmo de quem fala: “— **E agora? Posso jogar?**”

- Como se chama o sinal que vem antes e depois de **falou André com pouco caso?** Por que você acha que são usados esses sinais?
- Observe o sinal que aparece no início do segundo parágrafo. Esse sinal marca o início da fala do personagem que é Rodrigo. Agora, responda: com que frase o narrador anunciou o que Rodrigo falou?

As três questões retomam o que foi discutido no exercício anterior. Para verificar se eles compreenderam que o travessão introduz a fala dos personagens, mas que, também, pode isolar a fala do narrador, transcreva o trecho na lousa e resolva a questão, coletivamente. Você pode escolher um aluno para fazer isso.

- Lendo as falas de **André e Dudu**, você diria que, em algum momento, eles tiveram a intenção de deixar Claudinha jogar com eles? **Instigue-os a perceber que em nenhum momento os meninos tiveram a intenção de deixar Claudinha participar da brincadeira. Isso fica claro nas falas deles. Na**

Quem fala: “disse Rodrigo”?

Você pôde perceber que o narrador conta às vezes o que o personagem falou como em “(Claudinha) tomou coragem e pediu para entrar.”; outras vezes, ele prefere repetir, reproduzir as palavras do personagem. É assim: o narrador coloca o personagem falando dentro do seu texto. Veja o exemplo:

— **Ah, Claudinha, não pode não, você não tem bolinhas.**

Para não esquecer...

Quando o narrador reproduz a fala do personagem diretamente, isto é, tal qual ele disse, temos o **discurso direto**. Há várias formas de marcar a fala dos personagens. Observe:

André **falou**:

— Mas você usa laço de fita!

Ou

— Puxa! – **exclamou** Rodrigo.— Você não desiste mesmo, heim?

Ou, ainda,

— Poderia, se você não usasse saia – **falou** Dudu.

Leia outro trecho da história.

Claudinha correu em casa e, logo depois, voltou com um monte de bolinhas de vidro. daquelas bonitas, graúdas e coloridas.

— E agora? Posso jogar?

— Mas você usa laço de fita – falou André com pouco caso. Eu nunca vi um jogador de bolinhas de gude com laço de fita!

Sem pensar um só segundo, Claudinha tirou dos cabelos o laço.

— Posso jogar agora?

— Poderia se você não usasse saia – falou Dudu com enorme cara de deboche.

- No segundo parágrafo, a fala — E agora? Posso jogar? é dita por Claudinha, não é? Por que podemos afirmar isso? Leia novamente o texto para responder.

Pela leitura desse parágrafo, sabemos que Claudinha foi até em casa buscar as bolinhas, pois os meninos, em princípio, não a deixaram jogar porque não tinha bolinhas.

→ **Claudinha correu em casa e, logo depois, voltou com um monte de bolinhas de vidro.** Daquelas bonitas, graúdas e coloridas.

— E agora? Posso jogar?

↑
*O travessão é uma marca que indica a fala do personagem. Observe a palavra **posso**. Quem é esse (eu) posso? É a **Claudinha**, de posse das bolinhas, perguntando aos meninos se, agora que tem as bolinhas, ela pode jogar. Observe que não é mais o narrador quem fala, ele dá voz ao personagem, deixa que o personagem fale.*

verdade, não era o que ela usava (fita no cabelo, vestido...) que a impossibilitava de brincar com eles, mas, sim, o fato de ser menina. Eles não quiseram, desde o início, dizer isso a ela, por isso ficaram arrumando desculpas para tentar dissuadi-la do propósito de brincar com eles.

- Até esse momento do texto, Claudinha estava entendendo o porquê de os meninos não a deixarem jogar com eles? **Por seu comportamento, sua fala é possível dizer que a menina não tinha percebido que estava sendo discriminada.**

- Agora, responda...de quem é a fala...

“— Mas você usa laço de fita – falou André com pouco caso. Eu nunca vi um jogador de bolinhas de gude com laço de fita!”

- Como você identificou o autor dessa fala? É o mesmo de quem fala: “— E agora? Posso jogar?”

- Como se chama o sinal que vem antes e depois de **falou André com pouco caso**? Por que você acha que são usados esses sinais?

- Observe o sinal que aparece no início do segundo parágrafo. Esse sinal marca o início da fala do personagem que é Rodrigo.

Agora, responda: com que frase o narrador anunciou o que Rodrigo falou?

- Lendo as falas de **André e Dudu**, você diria que, em algum momento, eles tiveram a intenção de deixar Claudinha jogar com eles?

- Até esse momento do texto, Claudinha estava entendendo o porquê de os meninos não a deixarem jogar com eles?

Para não esquecer...

Você já sabe que o personagem é uma ser inventado pelo autor. E que a imagem do personagem é construída a partir das suas características, que podem dizer respeito a sua aparência física, ao seu modo de ser e de agir.

Sabe, também, que essas características podem aparecer nas falas dos personagens.

Nessa atividade, você pôde perceber que as características dos personagens foram observadas, principalmente, em suas falas.

Vamos ler outro trecho da história?

(...) Os meninos pensaram, então, que finalmente a tinham vencido. **Mas enganaram-se redondamente.** Minutos depois ela voltou usando sabe o quê? ... Calças compridas!

Rodrigo, André e Dudu ficaram admirados com a teimosia da menina. Ela queria porque queria entrar na brincadeira.

— Puxa! — exclamou Rodrigo. — **Você** não desiste mesmo, heim? Nunca vi uma **menina** de nariz mais em pé.

- Que relação existe entre a frase em destaque, no primeiro parágrafo, e a frase que vem antes?

- No segundo parágrafo, os meninos entenderam a insistência de Claudinha como teimosia. E para você, a atitude da menina é de teimosia? Por quê?

- Observe as palavras em destaque no último parágrafo. Nesse parágrafo quem é **você** e **menina**?

- Para você, em que Claudinha acreditava, quando foi, aos poucos, aceitando as observações dos meninos e, assim, mudando sua aparência física?

- Por que você acha que os meninos não deixaram claro desde o início que não queriam deixar Claudinha brincar com eles simplesmente porque ela era uma menina?

Orientações para o professor

Após a leitura do texto, use as questões propostas para levar os alunos a refletir sobre a opção do autor por um narrador que participa da história como personagem. A intenção não é apenas que identifiquem o narrador em 1ª pessoa, por meio do uso de verbos, ou pronomes, por exemplo. Mas sim, que possam perceber que, ao optar por esse foco narrativo, é possível perceber as intenções do autor. Quem mais, além de Raquel, poderia passar ao leitor as impressões, os sentimentos em relação ao fato, por exemplo, de, por obrigação, precisar ir ao almoço na casa de sua tia?

É importante que você ressalte a opção do autor por uma narração em primeira pessoa. Uma narração em terceira pessoa tiraria do texto o caráter de intimidade. Com a narração do ponto de vista da menina, temos a visão da criança a respeito das relações familiares.

É importante que os alunos percebam que o conflito vivido pelo personagem, característico de uma menina no início da adolescência, só poderia ser narrado por ela. Nenhum outro personagem desta história poderia passar com fidelidade os sentimentos de Raquel. Seria mudar os propósitos de quem o escreveu, pois, se ele quisesse mostrar os sentimentos de uma pré-adolescente, segundo a ótica de um adulto, ele o teria feito e, com certeza, teríamos um outro texto.

Você já sabe que, no texto narrativo, quem narra a história não é o autor, mas um **narrador**, alguém inventado pelo autor.

Sabe, também, que o narrador pode participar da história como personagem, ou ser um narrador que não participa da história como personagem.

Hoje, vamos falar um pouco mais sobre esse assunto, lendo e conversando sobre o texto **A bolsa amarela**, de Lygia Bojunga Nunes.

Atividade 1

Leia o texto.

A BOLSA AMARELA

Chegou o sábado e a minha irmã falou:

— Vai te vestir, Raquel, tem almoço na casa da tia Brunilda.

Bacalhoadada.

Eu adoro comer, só tem um prato que eu não agüento: bacalhau. Mas como o pessoal aqui de casa tá sempre paparicando a tia Brunilda, eu sabia muito bem que na hora de dizer: “Tia Brunilda, a senhora se importa se eu só como a sobremesa?” eles iam me olhar daquele jeito, e eu ia ter que acabar comendo. Então já fui ficando meio aflita.

Calça comprida eu só tenho duas: uma boa, outra ruim; enquanto uma lava, uso a outra. A boa estava lavando e ainda mais essa, eu pensei.

Quando fui me olhar no espelho, dei de cara com uma espinha. Bem na ponta do nariz. Espremi, começou a sair uma agüinha lá de dentro; vi que tinha feito uma besteira. Meu nariz começou a doer. Olhei no espelho e anunciei: — Não posso ir à bacalhoadada: meu nariz inchou, tá doendo demais.

Mandaram eu botar mercurocromo e acabar de me vestir.

Quando eu abri a porta do armarinho do banheiro, um tal de mercúrio, que estava na beira da prateleira, sem tampa nem nada, desabou em cima de mim. Só faltei morrer de raiva. Já estava quase pronta para sair. Tinha baixado a bainha da calça, passei ela a ferro, peguei uma tinta que a minha irmã pinta o olho e pinteí uma flor na minha blusa pra ver se tapava uma mancha antiga, agora tava tudo respingando, tudo vermelho, blusa, calça, flor, até meu sapato levou um banho de mercurocromo. Vi que o dia ia ser fogo. Botei aquele vestido xadrez que eu acho o fim; meu nariz tava o fim; eu toda estava o fim; saí de casa achando a minha vida o fim.

NUNES, Lygia Bojunga. **A Bolsa Amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

Converse com seus colegas

Para você, quem é o narrador dessa história? Ele participa dos fatos? Justifique suas respostas com passagens do texto.

Para não esquecer...

Narrador-personagem

No texto, há várias pistas desse narrador. Palavras como **eu, mim, minha** de primeira pessoa indicam que o narrador participa da história como personagem. As formas em que palavras como **abri, peguei, vi** aparecem, também na primeira pessoa, comprovam o envolvimento direto do narrador com os fatos. Há nesse texto, portanto, a presença de um narrador-personagem.

Continue a leitura do texto e responda às perguntas

A) Do quê, segundo o texto, o narrador-personagem não gosta?

B) Raquel é vaidosa? Justifique sua resposta com passagens do texto.

C) Que passagem ou passagens do texto mostram que o narrador-personagem está insatisfeito com a situação na qual se encontra?

D) Numere os parênteses abaixo de acordo com a seqüência em que as ações aparecem no texto.

- () Espremi, começou a sair uma aguinha lá de dentro.
- () Quando abri a porta do armário do banheiro, um tal de mercúrio, desabou em cima de mim.
- () Quando fui me olhar no espelho, dei de cara com uma espinha.
- () Tinha baixado a bainha da calça, passei ela a ferro.
- () Meu nariz começou a doer.

Professor, ao conferir as respostas, peça aos alunos para voltarem ao texto, a fim de mostrar que trecho(s), palavra(s) fizeram com que chegassem àquela resposta.

- A) Raquel não gosta de **bacalhau**. Essa questão exige a **identificação de uma informação**. Para isso, basta voltar ao texto, ler o seu início.
- B) A descoberta da espinha, a indefinição quanto a roupa a ser vestida são características de uma vaidosa.
- C) Por exemplo, trecho do último parágrafo: “Vi que o dia ia ser fogo. Botei aquele vestido xadrez que eu acho o fim; meu nariz tava o fim; eu toda estava o fim; saí de casa achando a minha vida o fim.”
- D) (2)
(4)
(1)
(5)
(3)

Para não esquecer...

Quando o autor faz a opção por um narrador-personagem, ou por um narrador-observador, essa opção tem um motivo para ser assim. No texto *A Bolsa Amarela*, o autor faz opção por um narrador-personagem porque deseja mostrar o conflito vivido por Raquel, a partir da forma como ela vê os fatos.

Na aula 3, você e seus colegas leram e conversaram sobre o texto *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes. Naquela oportunidade, ampliaram seus conhecimentos sobre o **narrador-personagem**.

Agora, você já sabe que, escolhendo o tipo de narrador, escolhe-se uma forma de ver os fatos.

Hoje, vamos ler outro texto: **Nicolau e sua casa**, de Ivanir Calado. O que você espera encontrar em um texto que tem esse título? Fale com seus colegas sobre suas expectativas.

Atividade 1

Leia o texto.



Espécie de Formiga

Nicolau era um caramujo diferente: andava sempre com meio corpo fora da casca, como se a vida fosse uma enorme janela. Sorria para todo mundo, conversava com todo mundo, às vezes falava pelos cotovelos (se é que caramujo tem cotovelos).

Mas todo mundo parecia doido para mudar seu comportamento.

Arminda, a **saúva**, por exemplo. Chegava rebolando aquele bundão grudado na cinturinha quase invisível, parava junto à casca do caramujo e vinha sempre com o mesmo papo:

– Você está se descuidando, Nicolau. Se continuar assim, andando nessa lentidão, comendo de tudo, ninguém vai querer nada com você!

Nicolau respondia quase sempre da mesma forma:

– Ora, Arminda, esse é o meu jeito. Mãe Natureza me fez assim, lento, paciente. E fez você agitada. Cada um na sua!

Arminda não desistia:

– Mas, e a aparência, Nicolau? Faça ao menos um regimezinho, uma plástica, aprimore o visual!

A conversa era sempre nesse tom. Nicolau nem dizia que já tinha tentado de tudo: massagens, dietas, ginásticas... Nada dera certo... Afinal de contas, não era vagaroso por causa da natureza: é que ele carregava muita coisa dentro da casca!

CALADO, Ivanir. *Nicolau e sua casa*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995, p.1-2.

Orientações para o professor

Atividade 1

Após a leitura do texto, que pode ser individual, peça para que os alunos comentem o texto.

É importante que a atividade seja realizada oral e coletivamente. Não se esqueça de que esse é um processo no qual se pretende que os alunos adquiram **competência leitora** para observar, compreender, interpretar textos.

Os alunos só poderão adquirir essa competência, quando conseguirem **localizar** informações e “pistas” do autor; **construir** significados colaborativamente; **interpretar**; **reconhecer** a unidade temática e a tipologia do texto.

No início, é possível que eles se desconcentrem com facilidade, não acompanhem passo a passo o que está sendo proposto para a leitura do texto. Isso é esperado, e cabe a você criar estratégias de encaminhamento que prendam os alunos à leitura do texto. Uma das coisas que, em geral, causam fastio e desinteresse é o fato de se ficar preso à leitura das questões propostas na atividade. Não se esqueça de que essas questões servem apenas para orientar a leitura; você pode explorá-las sem precisar lê-las.

Esse processo precisa ser dinâmico e participativo; aluno passivo é aluno que não está acompanhando o processo e, portanto, precisa ser requisitado, evidentemente sem causar constrangimento.

Após a leitura do texto, tente responder às perguntas. Depois troque informações com seus colegas de classe.

Leia abaixo possíveis respostas para as questões propostas.

Como Nicolau é apresentado ao leitor? Pela descrição feita, pode-se dizer que Nicolau é um caramujo feliz? Por que Nicolau é considerado um caramujo diferente? **Logo no início o leitor já fica sabendo que Nicolau é um caramujo, um caramujo diferente; a diferença existe porque ele anda com a metade do corpo fora da casca.**

O jeito de ser de Nicolau incomodava alguém? Quem, por exemplo? **No texto, a formiga Arminda é quem parece incomodada com o jeito de ser de Nicolau. Isso fica evidente nas falas da formiga.**

Por que Arminda se preocupava tanto com a aparência de Nicolau? **Provavelmente porque ela dava muita importância à aparência física. É possível verificar isso em vários momentos do texto como “— Mas, e a aparência, Nicolau? Faça ao menos um regimezinho...”**

Leia o trecho.

“Arminda, a saúva, por exemplo. Chegava **rebolando** aquele bundão grudado na cinturinha quase invisível...”

Para você, que imagem o narrador quer que formemos da saúva com a descrição acima? **Pela descrição, é possível perceber que a formiga gostava de chamar a atenção (rebolando...).**

Além de sorridente e de falar pelos cotovelos, que outras características o caramujo tem?

A que Nicolau atribui o motivo de sua lentidão? **Em uma das falas dos personagens, podemos identificar outras de suas características como: lento, paciente...**

Para você, quem é o narrador dessa história? Ele participa dos fatos? Justifique suas respostas com passagens do texto. **Essa questão pode ser resolvida coletivamente, na lousa.**

- Como Nicolau é apresentado ao leitor? Pela descrição feita, pode-se dizer que Nicolau é um caramujo feliz?

- Por que Nicolau é considerado um caramujo diferente?

- O jeito de ser de Nicolau incomodava alguém? Quem, por exemplo?

- Por que Arminda se preocupava tanto com a aparência de Nicolau?

- Leia o trecho.

“Arminda, a saúva, por exemplo. Chegava **rebolando** aquele bundão grudado na cinturinha quase invisível...”

Para você, que imagem o narrador quer que formemos da saúva com a descrição acima?

- Além de sorridente e de falar pelos cotovelos, que outras características o caramujo tem?

- A que Nicolau atribui o motivo de sua lentidão?

- Para você, quem é o narrador dessa história? Ele participa dos fatos? Justifique suas respostas com passagens do texto.

Para não esquecer...

Narrador-observador

O **narrador-observador** é aquele que apresenta os personagens, conta como os fatos ocorreram, mas observa de longe, não é personagem da história.

Leia novamente um trecho da história.

Arminda, a saúva, por exemplo. Chegava rebolando aquele bundão grudado na cinturinha quase invisível, parava junto à casca do caramujo e vinha sempre com o mesmo papo:

– Você está se descuidando, Nicolau. Se continuar assim, andando nessa lentidão, comendo de tudo, ninguém vai querer nada com você!

Nicolau respondia quase sempre da mesma forma:

– Ora, Arminda, esse é o meu jeito. Mãe Natureza me fez assim, lento, paciente. E fez você agitada. Cada um na sua!

Arminda não desistia:

– Mas, e a aparência, Nicolau? Faça ao menos um regimezinho, uma plástica, aprimore o visual!

- No texto,
- **Quem diz:** “Arminda, a saúva, por exemplo. Chegava rebolando aquele bundão grudado na cinturinha quase invisível, parava junto à casca do caramujo e vinha sempre com o mesmo papo:”
 - **E quem diz:** “– Você está se descuidando, Nicolau. Se continuar assim, andando nessa lentidão, comendo de tudo, ninguém vai querer nada com você!”

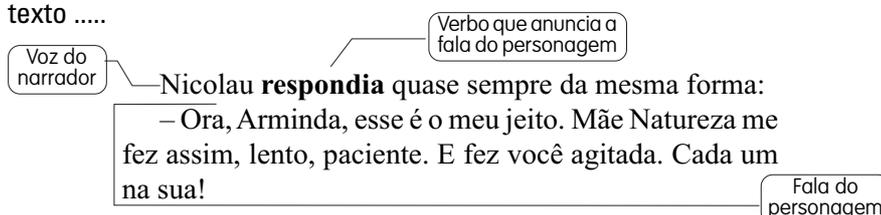
Como você identifica, nos dois casos, quem diz as frases?

Você deve ter percebido que a primeira frase é a fala do narrador e que, a segunda, é do personagem.

As falas do personagem são chamadas de **discurso direto** porque, ao repetir a fala do personagem, o narrador a reproduz tal qual foi dita.

É importante não esquecer que as falas dos personagens são marcadas formalmente pela presença do travessão (—) ou das aspas (“ ”).

O narrador pode introduzir a fala do personagem por meio de verbos como: responder, dizer, falar, explicar Veja como a fala de Arminda aparece no texto



Orientações para o professor

Inicie a aula explicando aos alunos o que irão fazer nessa aula. No item **converse com seus colegas** é importante que você instigue os alunos a falar, pois a compreensão do início da história favorecerá a produção da continuação da história.

Para que os alunos consigam continuar, satisfatoriamente, a história é preciso que eles reconheçam que

- o trecho está distribuído em parágrafos;
- esses parágrafos estabelecem a situação inicial da história: introdução das personagens, espaço, tempo...

Para que os alunos possam dar continuidade à história, incentive-os a planejar, antes, o texto que irão escrever.

Se você sentir que eles têm dificuldade em planejar, por ser uma prática pouco freqüente, inicie a tarefa com eles.

Enquanto os alunos estiverem planejando o texto, caminhe pela classe a fim de verificar como cada dupla, na fase de planejamento, tenta decidir como continuar a história. Dê apoio, pistas, novas informações, quando sentir que eles têm dificuldade, ou estão se desviando da proposta.

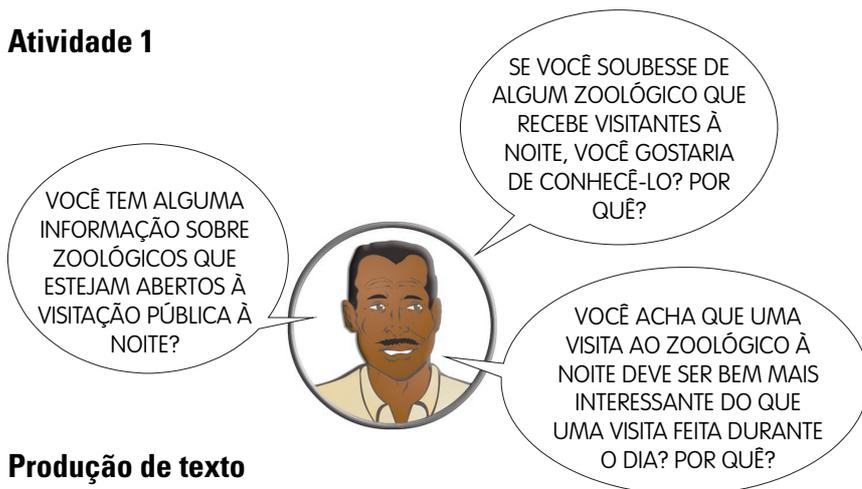
É importante que você chame a atenção dos alunos para o fato de que, nesse primeiro momento, a fase de planejamento, eles devem se preocupar apenas com o levantamento das idéias; a escrita do texto, organizado em frases, parágrafos, com a seqüência dos fatos na ordem em que aconteceram, só acontecerá na etapa seguinte.

Quando os alunos começarem a escrever o texto, lembre-lhes que devem usar as anotações que fizeram na fase de planejamento. Você vai precisar auxiliá-los a todo momento.

Você precisa estar consciente de que nenhum texto produzido pelas duplas será igual. Cada um tem seu jeito de escrever, de organizar as idéias. É preciso, no entanto, que esteja atento a todas as produções e hipóteses que os alunos têm sobre o que é produzir um texto narrativo.

Intervenha, fazendo perguntas que os levem a confirmar ou negar as hipóteses que têm, a fim de elaborar novas hipóteses.

Atividade 1



Produção de texto

Agora, você vai ler o começo de uma história que tem como título: **Uma noite do barulho**. Continue a contar essa história dando-lhe um final bem interessante.

Uma noite do barulho

Já era noite, mas a lua cheia iluminava o chão, e o menino caminhava trôpego pelos becos estreitos do zoológico, quando de repente... PLOFT! Depois de um tropeção, Paulinho caiu de cara na lama da beira do lago.

Levantou-se e olhou para aquela coisa na qual tropeçara. Parecia um tronco de árvore caído. Mas não...

Converse com seus colegas

- Que personagem é apresentado no 1º parágrafo?
- Onde o personagem está? O que aconteceu a ele? Qual o significado da palavra PLOFT? Por que o autor a usou?
- Há nesse parágrafo alguma descrição do lugar em que o menino está? Como ele é descrito?
- Quando o narrador diz "*Levantou-se e olhou para aquela coisa na qual tropeçara.*" você sabe a que coisa ele se refere? Pode ser qualquer coisa? O que, por exemplo?
- No trecho "*Parecia um tronco de árvore caído.*" Como você entendeu o uso da palavra parecia?
- Você acha que usando essa palavra – parecia – já é possível deduzir que o problema de Paulinho está resolvido? Por quê?

Lembre-se

Antes de começar a escrever, faça um planejamento do seu texto. Não se esqueça de que você já tem o início da história, na qual encontramos um personagem (Paulinho), o espaço (zoológico); um narrador (narrador-observador)...

Para dar continuidade à história, você precisa decidir o que vai contar.

- O que Paulinho está fazendo no zoológico a essa hora? Como ele foi parar lá? Será que ele foi para lá sozinho?
- Será que ele está perdido? Como ele conseguirá sair de lá? Quem poderia ajudar o menino?
- E se o menino não estiver perdido, se estiver no zoológico por outro motivo: rapto de animais, por exemplo? Será que ele vai conseguir o que deseja?
- Em que você acha que o menino tropeçou? Será em algum animal? Qual? O menino corre risco? Por quê?
- Como o problema será resolvido, independentemente de o menino estar perdido, ou de ele ser raptor de animais.

Agora que você e seu colega já decidiram como pretendem dar continuidade ao texto, comecem a escrever.

- Faça primeiro um rascunho, deixe as idéias fluírem naturalmente.
- Depois de pronto, leia o texto. Veja se a parte que você escreveu está clara, faz sentido, combina, isto é, é coerente com o início da história.
- Leia mais uma vez observando se as frases que você escreveu estão claras, se apresentam uma seqüência, se não deixou de dar nenhuma informação que seja importante para compreensão da história.

Nesse processo, é importante que você esteja a todo momento estimulando os alunos a escreverem. Não existe **erro**, mas, sim, alunos participando de um processo, no qual se pretende que eles desenvolvam habilidades necessárias para produção de um texto, no caso, narrativo.

Não se esqueça de que para produzir um texto o aluno precisa ativar simultaneamente competências diversas que dizem respeito tanto à busca de idéias (o que escrever) e palavras (com que palavras escrever), como também ao modo como colocá-las numa superfície (tipo de letra, espaçamento, divisão em parágrafos etc.), isto é, à sua organização gráfica. Acrescente-se ainda, a opção por uma dada estrutura, um tipo de texto. Por isso é preciso ficar atento para que, aos poucos, o aluno vá controlando, assimilando, aplicando essas competências quando for solicitado a produzir um texto.

Orientações para o professor

Inicie a aula conversando com os alunos sobre as brincadeiras de que os meninos e as meninas mais gostam. Anote o nome das brincadeiras na lousa, pergunte se todos conhecem as brincadeiras, peça para que contem como se brinca etc. Depois, pesquise se há entre as brincadeiras levantadas por eles, comuns aos meninos e meninas, ou seja, tanto um quanto outro brincam.

O que se propõe no início da aula é **contextualizar** o que será realizado na produção do texto, a fim de que os alunos possam antecipar idéias e obter informações que irão auxiliar na tarefa. Certamente os alunos já têm conhecimento sobre o tema proposto. Esse tema permite, por exemplo, uma discussão sobre como o brinquedo é conhecido. Nesse momento, seu papel é organizar as idéias levantadas por eles, além de transmitir novas informações e sistematizar os conhecimentos que eles forem demonstrando e adquirindo.

Em seguida, explique-lhes o que farão na aula. Oriente e auxilie-os no planejamento do texto. Explique por que é importante que eles planejem antes de produzir o texto, em que esse **planejamento** poderá ajudá-los na produção do texto.

Para que você possa de fato ajudar os alunos, é importante que você não se esqueça de que uma proposta de produção exige que o aluno ative os conhecimentos que tem quanto

■ ao esquema do texto narrativo

- personagens;
- espaço/tempo;
- narrador;
- situação inicial, complicação, resolução;
- desfecho;

■ à manutenção dos elementos da história

■ à escrita

- organização gráfica (título, corpo do texto...);
- articulação entre as partes (coesão);
- unidade de sentido (coerência);
- convenções da escrita:
 - paragrafação;
 - pontuação;
 - maiúscula e minúscula;
 - ortografia.

Atividade 2



VOCÊ JÁ TEVE A OPORTUNIDADE DE EMPINAR UM PAPAGAIO? E UMA PANDORGA? SE VOCÊ TIVESSE A OPORTUNIDADE DE FAZÊ-LO, VOCÊ O FARIA? POR QUÊ?

Atividade 1

Leia o texto abaixo.

Papagaio. *S.m.* (...) 5. Brinquedo que consiste em uma armação de varetas de bambu, ou de uma madeira leve, coberta de papel fino, e que, por meio de uma linha, se empina, mantendo-se no ar. (...) arraia, cafifa, pandorga, pipa, quadrado; tapioca (NE); balde (NE).

(Dicionário Aurélio)

Você já conhecia esse brinquedo com todos esses nomes? Você já deve ter ouvido as palavras tapioca e balde antes, mas com outro significado. Você se lembra qual?

Agora que você já sabe que o papagaio a que nos referimos é o brinquedo, vamos falar um pouco sobre esse assunto?

- Você já confeccionou um quadrado? Saberá explicar aos colegas como se faz um? Você conhece alguém que goste de fazer e/ou empinar papagaio? Quem?
- Você acharia estranho uma menina se interessar por essa brincadeira? Por quê? Se você é um menino, como reagiria se uma menina o chamasse para empinar pipa?
- Se você é uma menina, como reagiria se um menino lhe dissesse que meninas não soltam pipa?

Atividade 2

Você vai escrever uma história seguindo o roteiro abaixo. Antes de começar a escrever, você e seus colegas vão conversar sobre cada um dos itens do roteiro.

ENREDO:

durante um concurso, no qual se escolherá a pipa mais criativa e bem construída, meninos tentam proibir uma menina de participar do concurso, mesmo sabendo que não havia nenhum item no regulamento que proibisse a participação das meninas.

PERSONAGENS: Vivinha – personagem que reivindica sua participação no concurso
Felipe – personagem contrário à participação de Vivinha no concurso
Ricardo – personagem calmo, inimigo das discussões, brigas
Além desses personagens, você pode acrescentar outros.

NARRADOR: o narrador deve apresentar os personagens, contar como os fatos ocorreram, sem, no entanto, participar deles.

LUGAR: a história se passará no lugar em que o concurso será realizado. Cabe a você decidir qual é o lugar, não se esquecendo, é claro, de que precisa ser ao ar livre, caso contrário, seria impossível empinar as pipas.

TEMPO: o início do concurso e se prolongará por algumas horas – até a resolução do problema.

Para que o aluno possa contar a história, incentive-o a planejar, antes, o texto que irá escrever.

Se você sentir que eles têm dificuldade em planejar, inicie a tarefa com eles. Detenha-se em cada item do roteiro, discuta algumas possibilidades para o enredo. Por exemplo, pode-se levantar questões como:

- de que forma poderíamos dar início à história? pela apresentação do lugar, dos personagens?
- como é possível fazer isso? que tal se começarmos a história juntos, criando algumas possibilidades de iniciar a história?

Enquanto os alunos estiverem planejando o texto, caminhe pela classe a fim de verificar como cada dupla, na fase de planejamento, tenta decidir que história vão contar. Dê apoio, pistas, novas informações.

Observação: use em seu texto o **discurso direto**, permita que os personagens conversem entre si.

Para não esquecer...

O personagem é um ser inventado pelo autor. E a imagem do personagem é construída a partir das suas características, que podem dizer respeito à sua aparência física, ao seu modo de ser e de agir. Além disso, é preciso não se esquecer de que as características dos personagens podem aparecer em suas falas.

Quando o narrador reproduz a fala do personagem diretamente, isto é, tal qual ele disse, temos o discurso direto. Há várias formas de marcar a fala dos personagens. Observe:

Os verbos usados para anunciar a fala do personagem podem aparecer em posições diferentes:

André falou:

— *Mas você usa laço de fita!*

O verbo aparece antes da fala do personagem. Nesse caso, depois do verbo emprega-se dois pontos (:). O travessão e a fala vêm no parágrafo seguinte.

— *Puxa!* – exclamou *Rodrigo*. — *Você não desiste mesmo, heim?*

O verbo aparece no meio da fala do personagem, separado do resto da frase por travessões.

— *Poderia se você não usasse saia* – falou *Dudu*.

O verbo aparece depois da fala do personagem. Nesse caso, o verbo vem separado do resto da frase por um travessão.

Orientações para o professor

Incentive os alunos a observarem a foto com atenção, muita atenção. A primeira “leitura” deles pode ser, por exemplo, óbvia: há na foto um menino, ele está com o pé na bola; na foto não aparece a cabeça do menino. Cabe a você instigá-los a fazer uma leitura além do óbvio. Levante questões como: quem é esse menino? O que ele está fazendo? Pela posição em que ele se encontra, é possível dizer que ele está jogando bola? Ou ele colocou o pé em cima da bola só para fazer pose para a fotografia? Onde será que ele está? Ele está sozinho? Pela roupa que o menino está vestindo, pelo sapato que está calçando, podemos dizer que ele é um menino pobre? Ou que mora em um lugar humilde? O lugar onde ele está parece um campo de futebol? Etc..

Em seguida, proponha a leitura dos textos produzidos por alunos, a partir da leitura dessa foto.

É interessante que os alunos conversem sobre os textos, observando os elementos constitutivos do texto narrativo. As questões propostas para cada um deles já direcionam para isso, mas você pode explorar mais o texto, dependendo do interesse das observações dos alunos. Depois de analisar cada texto, peça para que eles comparem os dois textos.

Chame a atenção dos alunos para a leitura que o autor do **texto 1** fez da foto. O que ele viu além daquilo que a foto oferece.

Na foto, o menino está em um lugar que não podemos precisar qual é. Na história, esse lugar é um **campinho**, que fica na cidade de **Extrema**.

Na foto, não sabemos quem é o **menino**. Na história, ele, provavelmente, é o **Valdomiro**, o craque do time da cidade.

Na foto, temos apenas uma pessoa: o menino. Na história, temos Bodoque, o narrador-personagem, Valdomiro, Mirô, o treinador...

Na foto, não podemos precisar quem é o menino, como é sua vida, onde mora etc.. Na história, sabemos quem são alguns dos moradores de Extrema, o que eles fazem aos domingos, quem alegra a vida desses moradores etc..

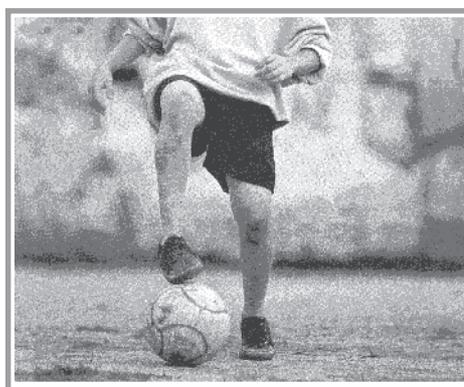
Você gosta de ver fotos? De que tipo? Aquelas tiradas por você ou parentes, que retratam momentos em família como aniversário, casamento; datas comemorativas – Natal, Ano Novo? Ou fotos que são publicadas em revistas e jornais?



Diante de uma foto, você parou alguma vez para pensar sobre o que aconteceu antes, durante e depois daquele ... CLICK?

Você acha que seria possível, a partir da observação de uma foto, escrever um texto narrativo-ficcional? Vamos tentar?

Observe a foto abaixo, publicada na Revista Veja (13/9/2000).



Leia um texto produzido por um aluno, a partir da observação dessa foto.

A alegria da cidade

Priiiiiiiiiiii!

Era só ouvir o apito que a galera se agitava. O primeiro a ir pro campo, é claro, era o Valdomiro. Aquele não podia ver uma bola que já tava lá: bola no pé, pé na bola, bola no gol... Gooooooooool!

— É gol, que felicidade! É gol, Valdomiro é a alegria da cidade! — gritava, em coro, a torcida extremense.

Eu gostava de ir no campinho. Minha mãe até me deu um uniforme que ela ganhou da patroa dela. Era um uniforme usado, mas era bem legal. No Domingo, eu botava o uniforme e ia pro campinho. Mas só deixavam eu assistir.

— Vê, pode, Bodoque. Jogar, não. — dizia Mirô, que era uma espécie de treinador da turma do campinho.

O campinho era o lugar mais conhecido de Extrema. Lá, as pessoas se encontravam pra fazer de tudo, não era só jogar bola.

(...)

Converse com seus colegas de classe

- O menino da foto vai ser um personagem de sua história? Que personagem? Ele tem um nome? Qual? Esse personagem é também o narrador do texto? Como você sabe disso?
- Onde fica o campinho ao qual o narrador se refere? Os jogos que aconteciam no campinho eram assistidos por alguém? Quem?
- Se o narrador do texto, em lugar da palavra campinho, tivesse usado a palavra campo, você faria do lugar uma imagem diferente? Por quê?
- De quem é a fala, a voz do parágrafo “— Vê, pode, Bodoque. Jogar, não. — dizia Mirô, que era uma espécie de treinador da turma do campinho.”? Como você identificou o autor dessa fala?

Leia o texto de um outro aluno, a partir da observação da mesma foto.

O sumiço de Papa-léguas

A cidade estava em polvorosa. Era um tal de corre pra lá, corre pra cá. Mesmo não tendo muito pra onde correr, já que Joanópolis não era o que se podia chamar de cidade grande.

— E agora, o que vai ser? Ele é a nossa salvação. — disse Epifânio, o prefeito da cidade, já quase sem fôlego, também, pesando quase cento e cinquenta quilos, era de se esperar que se cansasse, andando de cá pra lá... de lá pra cá.

O desespero do prefeito era compreensível. Papa-léguas era o orgulho da cidade. Seu sumiço repentino causou surpresa e pânico. O que poderia ter acontecido ao menino?

Mas a preocupação dos joanenses era outra: sem seu centroavante voador, o que seria do time na final do campeonato?

(...)

Converse com seus colegas de classe

- Quem é Papa-léguas? Por que ele tem esse nome? Por que seu sumiço deixou a cidade em polvorosa?
- Quem narra o texto? Como foi possível identificar o tipo de narrador?
- Qual o nome da cidade em que Papa-léguas mora? Como é a cidade?
- Para você, o prefeito estava preocupado com o sumiço de um cidadão de Joanópolis, ou com o sumiço de um jogador do time?

A leitura que o autor do texto 2 fez da foto é outra. O lugar, agora, é Joanópolis, uma cidade pequena. O foco narrativo é em terceira pessoa, ou seja, o narrador conhece os fatos, conta-os, mas não participa deles como personagem. É importante que os alunos percebam que o autor do texto tenta envolver os leitores num clima de suspense, que gira em torno do sumiço de Papa-léguas.

Que explicação é dada no texto para o fato de o prefeito estar sem fôlego? Quem dá essa informação é um personagem?

Para não esquecer...

Os autores dos textos 1 e 2 deram “asas à imaginação” para criar um enredo, um lugar, os personagens, enfim um texto narrativo ficcional. Escrito de forma a prender sua atenção — você sabe que ninguém escreve para não ser lido.

Além disso, você pôde perceber que os autores dos textos precisaram pensar, também, em um narrador para contar sua história. Para escrever um texto ficcional podemos optar por um narrador apenas observador, ou seja, que conta a história, mas não participa dela como personagem; ou narrador-personagem, aquele que, além de contar a história, participa dela como um dos personagens.

No texto 1, a opção foi por um narrador em primeira pessoa: “Eu gostava de ir no campinho. Minha mãe até me deu um uniforme que ela ganhou da patroa dela. Era um uniforme usado, mas era bem legal. No Domingo, eu botava o uniforme e ia pro campinho. Mas só deixavam eu assistir.”

Já no texto 2, a opção foi por um narrador em terceira pessoa, ou seja, conta a história, mas não participa dela como personagem e, sim, como observador: “O desespero do prefeito (dele) era compreensível. Papa-léguas (ele) era o orgulho da cidade. Seu sumiço (dele) repentino causou surpresa e pânico. O que poderia ter acontecido ao menino (ele)? Mas a preocupação dos joanenses era outra: sem seu centroavante voador, o que seria do time na final do campeonato?”

Mais importante que distinguir narrador-personagem de narrador-observador é saber que, ao optar por um ou outro, você está optando também por uma posição, uma maneira de ver os fatos.

Na aula 7, você e seus colegas tiveram a oportunidade de observar uma foto, publicada na Revista Veja e, depois, ler e conversar sobre os textos narrativos-ficcionais, escritos por dois alunos, a partir da observação da foto.

Hoje é a sua vez de produzir um texto. Para tanto, você vai observar com atenção a foto. Depois, a partir da observação da foto, irá escrever um texto narrativo-ficcional.

Atividade 1

Observe a foto.



Não se esqueça de que a foto representa apenas um determinado momento e para que você possa produzir um texto a partir da observação dela é preciso pensar no que aconteceu antes do **CLICK** e no que pode ter acontecido depois do **CLICK**.

Antes

- Onde esse menino mora? Será que ele mora próximo ao local, ao lado, ou em outro bairro?
- Como ele chegou aí? A pé, de carro, de bicicleta...? Será que ele está acompanhado, de quem: pai, mãe, irmão, avô, tia...?
- Que motivo o levou a esse lugar: comprar guloseimas, ou alguma coisa que esteja faltando em casa?
- Será que o menino não parou nesse lugar apenas para descansar? Quem sabe ele saiu para passear com o cachorro e parou para descansar? Ou, ainda, ele pode estar perdido?
- Observando a forma como o menino está vestido é possível imaginar como é o bairro, a casa em que ele mora etc..

Depois

- O menino resolve entrar (sem o cachorro) na padaria, lanchonete, mercearia... e chamar a mãe, a tia, ou avô que está demorando... o que pode acontecer?
- O menino resolve entrar (com o cachorro) na padaria, lanchonete, mercearia... e chamar a mãe, a tia, ou avô que está demorando... o que pode acontecer?

Orientações para o professor

Proponha a “leitura” da foto. Essa leitura pode ser feita coletivamente, desde que haja a participação de todos. Em seguida, divida a classe em grupos de no máximo 4 alunos (grupos muito grandes são pouco produtivos) e peça para que comecem a planejar o texto.

Não se esqueça de retomar o que foi discutido na aula anterior: ela foi uma preparação para essa aula. É importante que os alunos tenham um modelo a seguir, principalmente, se eles não tiverem o hábito de produzir textos a partir de propostas desse tipo.

Você pode sugerir, inclusive, que eles comecem o planejamento respondendo às perguntas propostas. Leia exemplo.

- Onde esse menino mora? Será que ele mora próximo ao local, ao lado, ou em outro bairro? Ele mora em uma rua próxima ao local onde ele está.
- Como ele chegou aí? A pé, de carro, de bicicleta...? Será que ele está acompanhado, de quem: pai, mãe, irmão, avô, tia...? O menino e sua mãe foram caminhando até este lugar, que é uma padaria.
- Que motivo o levou a esse lugar: comprar guloseimas, ou alguma coisa que esteja faltando em casa? Eles foram até a padaria comprar algumas coisas para o lanche da tarde.
- Será que o menino não parou nesse lugar apenas para descansar? Quem sabe ele saiu para passear com o cachorro e parou para descansar? Ou, ainda, ele pode estar perdido?

Depois, eles selecionam, nas anotações feitas, aquelas que desejam usar em seu texto. Aquelas que acham mais interessantes.

- O cachorro se desvencilha do menino e entra na (o)....., o que pode acontecer? Quem estará envolvido nessa situação? Qual será a reação do dono (a) do estabelecimento?

Antes de começar a escrever, faça um planejamento do seu texto. Não se esqueça de que você deve produzir um texto narrativo ficcional.



*Unidade***3**

Leitura e Produção de Textos Narrativos Ficcionais

Produção de Textos
Narrativos Ficcionais

Converse com seus colegas

- Você sabe o que significa a palavra sonho? Já parou para pensar nela?
- O que você considera um sonho? Você acha que existem sonhos possíveis e impossíveis de serem realizados? Por quê?
- O desejo de fazer uma viagem de avião, por exemplo, é um sonho? Um sonho possível ou impossível? Por quê?
- Você tem sonhos? Quais? Já realizou algum? Qual? Como foi possível realizá-lo?

Atividade 1

Leia a proposta de produção de texto.

Escreva um texto no qual o(s) personagem(ns) se proponha(m) realizar um sonho. Para realizá-lo, ele(s) se envolverão em situações que podem ser engraçadas, assustadoras, emocionantes etc..

Ainda não é hora de começar a escrever seu texto. Antes, procure responder às questões abaixo. Ao respondê-las, você já estará **planejando** seu texto.

- Que sonho o personagem da sua história vai realizar?

- Quem vai contar a história: um personagem ou um narrador que não participa da história?

- Quem são os personagens da história? Como eles são? Como se comportam?

- Onde se passará a história? Como é o lugar, ou como são os lugares?

Atividade 2

Depois de pronto, peça a um colega para ler seu planejamento. Ouça com atenção os comentários feitos por ele. Você, também, terá a oportunidade de ler e comentar o planejamento de um colega.

Orientações para o professor

O objetivo das questões propostas no início da aula é permitir que os alunos conversem, primeiro, sobre a palavra sonho.

Dê espaço para que eles mostrem o conhecimento que têm sobre o assunto. Provavelmente surgirão várias definições para a palavra. Como, ainda, eles não estarão trabalhando com a palavra num determinado contexto, é importante que se trabalhe com todas as acepções que surgirem.

sonho: 1. Sequência de fenômenos psíquicos (imagens, idéias etc.) que involuntariamente ocorrem durante o sono. 2. O objeto do sonho (1); aquilo com que se sonha. 3. Desejo veemente; aspiração. 4. O que é produto da imaginação; fantasia, ilusão; quimera.
(Dicionário Aurélio)

Importa-nos para essa aula a discussão da palavra sonho na acepção de desejo a ser realizado.

Atividade 1

Divida a classe em grupos, a fim de que possam conversar e responder às questões.

É importante que eles entendam o porquê de se responder essas perguntas, em que elas os ajudarão no passo seguinte, que é a produção do texto.

Atividade 2

Instigue os alunos a realmente lerem e comentarem os planejamentos elaborados pelos colegas.

Orientações para o professor

Atividade 1

O objetivo da atividade é permitir que os alunos comparem o planejamento que fizeram com o que é apresentado nessa aula.

Ao ler o que está proposto no planejamento de Mário, é possível que os alunos desejem mudar, acrescentar, discordar do que o aluno escreveu. Deixe que falem, que exponham suas opiniões. Mas, não deixe de incentivá-los a justificar suas opiniões.

A conversa sobre o planejamento deve focar as características do texto narrativo ficcional. Por isso, não basta que o aluno diga, por exemplo, que prefere um narrador que conta a história e participa dela como personagem, em lugar de um narrador que conta a história, mas não participa dela como personagem.

Os alunos precisam refletir sobre o fato de que a opção por esse ou aquele **foco narrativo** implica a escolha de determinado ponto de vista, ou seja, um modo de ver os fatos.

Na aula 1, você e seus colegas conversaram sobre uma proposta para escrever uma história. Depois, planejaram o texto que irão escrever.

Hoje, você vai ler o planejamento elaborado por um aluno, Mário. Depois vai comparar os dois: o seu e o dele. Na comparação, você deve observar como vocês encaminharam, organizaram suas histórias.

Atividade 1

Leia o planejamento elaborado por Mário, aluno da 4ª série. Depois, converse com seus colegas de classe sobre a possibilidade de escrever uma história, a partir desse planejamento.

- Quem vai contar essa história: um narrador-personagem ou um narrador-observador?
A história vai ser contada por um narrador que não participa dela como personagem, mas que conhece bem os fatos e os personagens.
- Quem são os personagens da história? Como eles são? Como se comportam?
Tomás, Bia e Davi.
- Onde se passará a história? Como é o lugar?
No velho casarão dos Albuquerque Lemos. O casarão, que ocupa uma grande área da região central da cidade de Nuporanga, está abandonado há muitos anos.
- Que fatos irão acontecer durante a narração da história? Como, de que modo transcorrerão os fatos?
Tomás, Bia e Davi desejam descobrir por que os moradores da cidade dizem que o casarão é mal assombrado.

Após ler e comparar os dois planejamentos, responda:

Há alguma semelhança entre a história que deseja contar e a de Mário?

O que mais chamou sua atenção no planejamento de Mário? Por quê?

Orientações para o professor

Lembrete

Por estar voltada para a produção de textos, essa unidade traz muitos exemplos de textos escritos por alunos que, evidentemente, não fazem parte da sua turma.

Ao lançarmos mão desta estratégia, estamos interessados, apenas, em oferecer a você o maior número possível de exemplos que podem auxiliá-lo no trabalho a ser desenvolvido. Além disso, as produções selecionadas exemplificam bem as principais dificuldades apresentadas por alunos do 3º e 4º ano.

Mas é de fundamental importância que você, além dos textos apresentados nas atividades, selecione produções da sua turma, liste as principais dificuldades apresentadas por seus alunos e, aos poucos, vá trabalhando essas dificuldades. Não é produtivo trabalhá-las todas de uma vez, mesmo que os alunos apresentem muitas dificuldades.

Nessa aula, os alunos terão a oportunidade de analisar a produção de um texto escrito com base na proposta de produção da aula 1.

A leitura e análise do texto é solicitada, a fim de que os alunos possam discutir a forma como o aluno organizou seu texto.

Parta do princípio de que os alunos já têm algum conhecimento do texto narrativo, sabem que se trata de uma história na qual se encontra um conjunto de fatos.

É preciso, no entanto, trabalhar mais insistentemente com uma idéia que para os alunos ainda não é muito clara: a compreensão de que os fatos de uma narrativa têm uma motivação (causa) e sua ocorrência desencadeia novos fatos (conseqüência). A esse conjunto de fatos articulados na história damos o nome de **enredo**.

Após a leitura do texto, leve os alunos a verificarem, na produção do aluno, como ocorrem a sucessão dos acontecimentos no tempo, a transformação de estados, motivada pela complicação, enfim, a relação de causa e conseqüência dos fatos narrados.

Atividade 1

- Quem conta a história participa dela como personagem? Ou conta de fora o que se passa? *A história é contada por um narrador-observador.*

Atividade 1

Leia o texto.

O mistério do casarão

A rua estava deserta. Na noite fria e encoberta pela névoa, Tomás e seus irmãos caminhavam a passos largos. Apertavam o passo sempre que se aproximavam do velho casarão.

Nesse momento, um grito cortou o silêncio da noite. Bia estancou... paralisada de medo. Curiosos, Tomás e Davi puxaram a irmã e se aproximaram do portão.

— Esse casarão é mal assombrado! — sussurrou Davi, tentando esconder ...

— Eu não acredito em assombração! — falou Tomás, o mais velho dos três.

Outro grito. A voz lamuriosa vinha, provavelmente, do porão.

— Quem será? Por que está gritando? O que vamos fazer? — disparou Davi, bombardeando os irmãos com perguntas e mais perguntas, como se eles soubessem mais do que ele.

Ainda assustada e sem prestar atenção às perguntas do irmão, Bia disse:

— Acho melhor irmos pra casa. Mamãe deve estar preocupada com a nossa...

A menina não pôde completar, pois uma mão grande e peluda calou-a e sorratamente levou-a para os fundos do casarão.

Tomás e o irmão estavam tão distraídos com os gritos, que não perceberam nada.

(...)

Converse com seus colegas sobre o texto

- Quem conta a história participa dela como personagem? Ou conta de fora o que se passa?
- Quem são os personagens dessa história? Como eles são? Mostre aos colegas como você descobriu as respostas para essas questões.
- Onde estão os personagens? Como é esse lugar? Qual deles conhece bem o lugar? Como você descobriu isso?
- O que os três estão fazendo nesse lugar? Por que eles pararam em frente ao casarão?
- Para você, de quem é a voz que vem do casarão? E a mão peluda que agarrou a Bia?

Na sua opinião, o texto prende a atenção do leitor, fazendo-o sentir vontade de continuar a leitura? Por quê?

- Quem são os personagens dessa história? Como eles são? Mostre aos colegas como você descobriu as respostas para essas questões. *Os personagens da história são Tomás, Bia, Davi, o dono da mão misteriosa que captura Bia e o dono da voz que grita no casarão. Quanto à caracterização dos personagens, podemos saber que Tomás e Davi são curiosos, pois o próprio narrador diz isso. Além disso, são também corajosos, pois não se intimidaram com o grito, mesmo sabendo que o casarão é assombrado.*
- Onde os personagens estão? Como é esse lugar? Qual deles conhece bem o lugar? Como você descobriu isso? *Não há uma descrição precisa da cidade ou da rua. O narrador chama a atenção apenas para o velho casarão, sobre o qual temos as seguintes informações: é velho, tem um porão...*
- O que os três estão fazendo nesse lugar? Por que eles pararam em frente ao casarão? *Não há informação sobre o porquê de os irmãos estarem ali, naquele momento, talvez porque o autor do texto queira enfatizar o momento em que chegaram em frente ao casarão e o motivo de pararem na sua frente: o grito que ouviram.*
- Para você, de quem é a voz que vem do casarão? Por que Tomás e Davi se assustaram, quando ouviram o terceiro grito? *Não é possível até o momento da narrativa, saber de quem é voz. Mas, como essa é uma narrativa de mistério, suspense pode ser, realmente, a voz de uma assombração, ou apenas alguém querendo pregar uma peça nas crianças.*

Orientações para o professor

Lembrete

Por estar voltada para a produção de textos, essa unidade traz muitos exemplos de textos escritos por alunos que, evidentemente, não fazem parte da sua turma.

Ao lançarmos mão dessa estratégia, estamos interessados, apenas, em oferecer a você o maior número possível de exemplos que podem auxiliá-lo no trabalho a ser desenvolvido. Além disso, as produções selecionadas exemplificam bem as principais dificuldades apresentadas por alunos do 3º e 4º ano.

É de fundamental importância que você, além dos textos apresentados nas atividades, selecione produções da sua turma, liste as principais dificuldades apresentadas por seus alunos e, aos poucos, vá trabalhando essas dificuldades. Não é produtivo trabalhá-las todas de uma vez, mesmo que os alunos apresentem muitas dificuldades.

Atividade 1

O texto dessa atividade também foi produzido com base na proposta de produção da aula 1.

Solicite que os alunos leiam o texto. Depois, como sugerimos em todas as aulas de leitura, peça para que o comentem.

- Quem são os personagens dessa história? **Ricardo, sua avó e Dênis, amigo de Ricardo.**
- O narrador, além de contar a história, também participa dela como

Você já sabe que, no texto narrativo, o narrador pode reproduzir a fala do personagem diretamente, isto é, tal qual ele disse. E que a marcação dessa fala pode ser feita com o uso do travessão ou das aspas.

Hoje, você vai ler o trecho de uma história produzida por um aluno. Na história, o personagem Ricardo consegue realizar o sonho de viajar em um tapete voador.

Depois de ler o texto, você vai observar se o aluno marcou adequadamente a fala dos personagens.

Atividade 1

Leia o texto.

Aventura no tapete voador

No sábado de manhã, Ricardo foi para a casa da avó. Ia passar o fim de semana lá. O dia estava chuvoso, e ele ficou deitado no chão lendo revista. De repente deu um grito: Vó, este tapete já estava aqui antes? E ela disse:

— Que tapete? Este que está debaixo de mim, o menino falou.

— É um tapete velho, Ricardo. Você não se lembra dele? — disse a avó.

A vó voltou para a cozinha. Novamente sozinho, Ricardo não se conteve, chegou bem pertinho do tapete e falou abra cadabra pé de cabra... voa tapete, me leve pra longe daqui.

Ele estava certo de que o tapete voaria. Mas as palavras não eram aquelas, e o tapete não voou. Por alguns momentos ele permaneceu em silêncio, pensativo, até que resolveu tentar novamente.

Então ele, com voz firme e decidida, disse:

— Bim salabim, pra cima pro alto, pra longe daqui!

Pronto! Foi só dizer isso e o tapete ZUUUUUUUM... subiu! Ricardo ficou tão feliz que começou a pular em cima do tapete, se esquecendo de que ele estava suspenso no ar. E aí... PLOCH! Caiu no chão, feito uma abóbora madura.

Nesse momento, o telefone tocou. Ricardo atendeu. Era seu amigo Dênis. Ficou em dúvida se contava ou não ao amigo o que acontecera. Claro que contaria... ele não era do tipo que conseguia guardar segredo por mais de um minuto, ainda mais se era para contar a um amigo.

— Cara, vem pra cá correndo, tenho uma novidade pra contar.

(...)

Converse com seus colegas sobre o texto

- Quem são os personagens dessa história? Como eles são?
- O narrador, além de contar a história, também participa dela como personagem?

c) Por que você acha que Ricardo se interessou tanto pelo velho tapete da avó?

d) Leia o trecho abaixo.

No sábado de manhã, Ricardo foi para a casa da avó. Ia passar o fim de semana lá. O dia estava chuvoso, e ele ficou deitado no chão lendo revista. De repente deu um grito: Vó, este tapete já estava aqui antes? E ela disse:

— Que tapete? Este que está debaixo de mim, o menino falou.

Agora, leia o trecho escrito de uma outra forma.

No sábado de manhã, Ricardo foi para a casa da avó. Ia passar o fim de semana lá. O dia estava chuvoso, e ele ficou deitado no chão lendo revista. De repente deu um grito:

— Vó, este tapete já estava aqui antes?

E ela disse:

— Que tapete?

— Este que está debaixo de mim! – falou o menino.

Você percebeu alguma diferença? Qual? Você teria uma outra forma para reescrever esse trecho? Qual?

e) Leia novamente um outro trecho da história.

A vó voltou para a cozinha. Novamente sozinho, Ricardo não se conteve, chegou bem pertinho do tapete e falou abra cada bra pé de cabra... voa tapete, me leve pra longe daqui.

Ele estava certo de que o tapete voaria. Mas as palavras não eram aquelas, e o tapete não voou. Por alguns momentos permaneceu em silêncio, pensativo, até que resolveu tentar novamente.

Então o menino, com voz firme e decidida, disse:

— Bim salabim, pra cima pro alto, pra longe daqui!

Você já sabe que há três personagens na história: Ricardo, sua avó e Dênis. Qual deles, no trecho acima, disse **“abra cada bra pé de cabra... voa tapete, me leve pra longe daqui”**?

Quem escreveu o texto esqueceu de marcar adequadamente a fala do personagem. Ajude-o reescrevendo o texto de forma adequada.

personagem? **Professor, peça aos alunos para identificar no texto palavras e/ou expressões que identifiquem o narrador observador. No primeiro parágrafo há vários exemplos:**

“...Ricardo foi para a casa da avó”.

“... e ele ficou deitado no chão...”

“De repente deu um grito:”

c) Por que você acha que Ricardo se interessou tanto pelo velho tapete da avó? **Após a leitura do texto, é possível dizer que Ricardo viu no tapete da avó a possibilidade de voar. Provavelmente esse era o desejo do menino.**

Pistas: o interesse repentino do menino pelo tapete, as palavras mágicas que usou para fazer o tapete voar etc..

Os itens **d** e **e** tratam especificamente do discurso direto. A intenção é que os alunos comparem o trecho original e o trecho reescrito, a fim de perceberem as modificações.

Se os alunos não estiverem acostumados a fazer esse tipo de atividade – comparação e reescrita – faça o primeiro exercício junto com eles, no quadro de giz, coletivamente.

e) Leia novamente um outro trecho da história.

Peça aos alunos para retomarem o texto, assim, poderão recuperar a seqüência, a ordem em que os fatos aconteceram. Isso, com certeza, fará com que eles identifiquem personagens e, conseqüentemente, os autores das falas.

meninos não conheciam. O tapete mirou a porta da construção e entrou, sem pedir licença. Nesse momento, Dênis, admirado e atônito, gritou:

— A mona... a mona...!

— A mona... a mona... o quê, fala logo, para de gaguejar. – disse Ricardo, sem paciência.

Quando Dênis ia terminar a frase, o tapete sem direção e sem freio entrou direto na Mona... na Monalisa.

(...)

Atividade 2

O objetivo da atividade é permitir que os próprios alunos possam decidir, de acordo com os conhecimentos que já têm de texto narrativo, que texto é o mais adequado.

Atividade 2

Agora, você e seus colegas vão ler e conversar sobre os textos que produziram.

Depois, vão escolher entre as produções da classe aquela que atendeu mais adequadamente ao que foi proposto.

Atividade 1

Leia a proposta de produção abaixo.

Você vai escrever uma história a partir da seqüência abaixo.

1ª CENA: um animal feroz escapa de um circo e se esconde num parque de uma cidadezinha que estava cheio de gente aproveitando o domingo de sol.

2ª CENA: houve pânico e correria enquanto os bombeiros tentavam inutilmente prender o animal.

3ª CENA: o domador do circo chega perto do animal e consegue resolver o problema.

Dê nome às personagens, caracterize-as, escreva como são os lugares onde se passam as ações. Não se esqueça de dar um título a sua narração.

Converse com seus colegas

O que você achou da proposta de produção? Ao lê-la, você já pensou na história que contaria? Conte para a classe sua história.

Você achou o tema interessante? Por quê? O que mais chamou sua atenção na proposta? Por quê?

Atividade 2

Leia o texto.

O horrível domingo de sol

Todos os domingos Cadia, Selvia, Alice, Fábio iam no parque das Hortências eles moravam em uma cidadezinha todos iam tomar sol.

De repente o leão apareceu no parque todas as pessoas saíram correndo apavoradas então vieram os bombeiros mais não conseguiram pegar o animal então Cadia teve a idéia de ir no circo Garcia e chamar o domador foi rapidamente ele veio procurar o leão.

Logo depois ele veio chegando perto do leão mais ainda não conseguiu.

Ele pegou um filé e colocou no chão e saiu o leão comeu então ele conseguiu e levou para a jaula e prendeu ele.

Vamos reler o texto

1º parágrafo

Todos os domingos Cadia, Selvia, Alice, Fábio iam no parque das Hortências eles moravam em uma cidadezinha todos iam tomar sol.

Leia esse mesmo trecho escrito de duas formas diferentes. Depois diga qual deles você prefere.

- Todos os domingos, Cadia, Selvia, Alice e Fábio, que moravam em uma cidadezinha, iam ao parque das Hortências tomar sol.

Orientações para o professor

Lembrete

Por estar voltada para a produção de textos, essa unidade traz muitos exemplos de textos escritos por alunos que, evidentemente, não fazem parte da sua turma.

Ao lançarmos mão dessa estratégia, estamos interessados, apenas, em oferecer a você o maior número possível de exemplos que podem auxiliá-lo no trabalho a ser desenvolvido. Além disso, as produções selecionadas exemplificam bem as principais dificuldades apresentadas por alunos do 3º e 4º ano.

É de fundamental importância que você, além dos textos apresentados nas atividades, selecione produções da sua turma, liste as principais dificuldades apresentadas por seus alunos e, aos poucos, vá trabalhando essas dificuldades. Não é produtivo trabalhá-las todas de uma vez, mesmo que os alunos apresentem muitas dificuldades.

O objetivo das atividades propostas nessa aula é permitir que os alunos conversem sobre as dificuldades que, em geral, são as mais freqüentes nos textos produzidos por alunos do 3º e 4º ano.

Quando os alunos são solicitados a produzir textos narrativos não sentem dificuldades para indicar o lugar nem nomear os personagens. Mas não conseguem expandir esses elementos. Por isso, estamos sugerindo que reflitam sobre esse assunto, a partir da leitura e análise de textos produzidos por outros alunos.

Atividade 1

Embora a atividade não solicite que os alunos se coloquem na posição de produtores de texto, é importante que você converse com eles sobre a proposta.

Permita que exponham o que entenderam dela e como contariam a história, caso tivessem que produzi-la.

Atividade 2

O texto **O horrível domingo de sol** apresenta dificuldades bem características de alunos do 3º e 4º ano: falta de segmentação e pontuação e ausência de elementos de coesão. Essas deficiências comprometem a coerência do texto. Além disso, o texto apresenta, também, deficiências quanto ao desenvolvimento do tema e expansão dos elementos narrativos.

Proponha a leitura e reescrita do texto, auxiliando-os durante todo o processo, pois há itens que eles só conseguirão resolver se forem orientados o tempo todo.

1º parágrafo

Chamar a atenção dos alunos para a organização do parágrafo, para a pontuação. Em geral, eles não se prendem a esses aspectos, mesmo porque não têm o hábito de planejar o texto, fazer rascunho, ler, reler, reescrever, revisar...

Há a possibilidade, o que seria ideal, de os alunos não ficarem satisfeitos com as sugestões de reescrita apresentadas para o parágrafo. Se eles sentirem a necessidade de ampliar os elementos da narrativa presentes nesse parágrafo, será ótimo.

2º parágrafo

A partir das questões propostas para análise do parágrafo, vá construindo, junto com os alunos, possibilidades de reescrita.

Sugestão de reescrita para o parágrafo

De repente um leão apareceu no parque. As pessoas saíram correndo, apavoradas. Apenas o guarda do parque se lembrou de chamar o corpo de bombeiros, que tinha um posto de atendimento dentro do parque. Eles chegaram rápido, mas não conseguiram pegar o animal. Então Cadia teve a idéia de ir até o circo e chamar o domador de animais. O circo ficava pertinho do parque, Cadia os viu chegando, na noite anterior, para uma temporada na cidade. A cidade estava eufórica esperando a estréia do famoso circo Garcia.

- Cadia, Selvia, Alice e Fábio moravam em uma cidadezinha. E todos os domingos iam ao Parque das Hortências tomar sol.

De que outra forma você reescreveria esse trecho?

2º parágrafo

De repente o leão apareceu no parque todas as pessoas saíram correndo apavoradas **então** vieram os bombeiros mas não conseguiram pegar o animal **então** Cadia teve a idéia de ir no circo Garcia e chamar o domador foi rapidamente ele veio procurar o leão.

- Leia silenciosamente o parágrafo.
- Observe as pausas que você faz na sua leitura.
- Marque com lápis colorido quando termina uma frase e começa outra.
- Reescreva o parágrafo no espaço abaixo, obedecendo à marcação feita no parágrafo.

- Há vários fatos novos nesse parágrafo, vejamos quais são:

1. De repente o leão apareceu no parque

Observe que temos um elemento novo já na primeira linha do parágrafo: **leão**. Entretanto não temos nenhuma indicação, no primeiro parágrafo, desse animal. Podemos, então, fazer as seguintes perguntas: De onde surgiu esse leão? Por que ele apareceu no parque? O leão era feroz?

2. Todas as pessoas saíram correndo apavoradas.

3. Então vieram os bombeiros mas não conseguiram pegar o animal

Nesse trecho, também podemos fazer algumas perguntas: Como os bombeiros ficaram sabendo que tinha um leão no parque? Alguém os chamou? Eles já estavam à procura do animal?

4. Então Cadia teve a idéia de ir no circo Garcia e chamar o domador

Mais perguntas: O circo Garcia estava na cidadezinha em que Cadia morava? Ela sabia que o animal pertencia ao circo? Ou ela pensou que o circo poderia resolver a situação porque eles estão habituados a lidar com animais?

5. Foi rapidamente.

Mais perguntas: O circo ficava perto do parque onde Cadia estava com seus "amigos"? Como ela foi para o circo?

6. Ele veio procurar o leão.

Mais perguntas: O domador atendeu prontamente o chamado de Cadia porque conhecia o animal, sabia que era o leão do circo Garcia, etc.?

IMPORTANTE:

O único sinal de pontuação utilizado pelo aluno foi o ponto final no fim do parágrafo. Entretanto, o parágrafo necessita de pontuação, além do ponto final que foi colocado. Ao reescrever, pense nisso.

3º parágrafo

Logo depois ele foi chegando perto do leão mas ainda não conseguiu.

Tente reescrever o parágrafo

4º parágrafo

Ele pegou um filé e colocou no chão e saiu o leão comeu então ele conseguiu e levou para a jaula e prendeu ele.

1. Leia silenciosamente o parágrafo.
2. Observe as pausas que você faz na sua leitura.
3. Marque com lápis colorido quando termina uma frase e começa outra.
4. Reescreva o parágrafo no espaço abaixo, obedecendo à marcação feita no parágrafo.

3º parágrafo

“mas” ainda não conseguiu... o quê?

Embora o aluno tenha usado uma expressão para indicar a progressão, a passagem do tempo – logo depois – ele não complementa a informação. **Logo depois do quê?** E, na continuidade, deixa de dar outra informação... **“mas” ainda não conseguiu... o quê?**

4º parágrafo

Chame a atenção dos alunos a relação entre o 3º e 4º parágrafos. Pergunte-lhes se não sentem falta de nenhuma informação que “ligue” um parágrafo ao outro. Por exemplo:

Logo depois ele veio chegando perto do leão mais ainda não conseguiu. Então, o domador tentou novamente... pegou um filé e colocou no chão e saiu o leão comeu então ele conseguiu e levou para a jaula e prendeu ele.

Os alunos devem perceber que a informação “Então, o domador tentou novamente” é que deve mostrar que o domador fez nova tentativa. É preciso introduzir uma frase: *O domador tentou novamente ou Nova tentativa do domador.*

A falta de pontuação atrapalha o entendimento do texto. Antes de tentar reescrevê-lo, leia-o obedecendo às seguintes pausas:

- **Ele** pegou um filé **e** colocou no chão **e** saiu
- leão comeu
- Ele conseguiu... (o quê?) e levou ... (quem?) para a jaula e prendeu ele.

IMPORTANTE: o aluno usou diversas vezes em seu texto a palavra **então**. Você pode solicitar que eles tentem substituir essa palavra por outra, ou por outra expressão, com sentido igual ao que o aluno quis transmitir.

Sugestão de reescrita para o 4º parágrafo

O domador tentou novamente. Dessa vez, ele pegou um filé, colocou-o no chão e saiu de perto. O leão, vendo o filé, aproximou-se dele e o comeu. Assim, o domador conseguiu se aproximar do animal e, depois, levá-lo para a jaula, onde o prendeu.

Orientações para o professor

IMPORTANTE:

Quando solicitamos aos alunos a leitura de um texto produzido por um aluno, pretendemos que eles percebam como se criou um ambiente propício ao desenvolvimento das ações – na descrição do espaço/ambiente, a visão que se tem do lugar.

Quanto aos personagens, observar quantos aparecem; suas características físicas e/ou psicológicas – a caracterização desses personagens poderá ser ampliada no desenrolar da narrativa. Por exemplo, Ritinha é caracterizada como esperta e curiosa: será que no decorrer da história ela permanecerá no casebre, como pediu o velho Beá? Uma pessoa curiosa ficaria?

Ou ainda, poderíamos analisar o velho Beá. Observar que nessa primeira cena o velho está em determinado ponto do parque, de onde ele tem uma visão geral. Além disso, é caracterizado como pessoa respeitada, é velho, é bom, é observador, etc. Será que o velho Beá não teria um papel importante no transcorrer da narrativa? Por que ele pede que a menina fique no casebre? Será que está prevenindo perigo e quer protegê-la?

Há algo que não está explícito no texto, mas que o leitor mais cuidadoso pode perceber: o velho ouve a notícia no rádio: “Uma onça foge do circo, ela pode ter ido para três cidades, uma delas pode ser Paraisópolis. A onça está ferida e por isso pode ser perigosa.”

O que acontece logo após?

O velho vê uma mancha amarelada cheia de manchas pretas atravessar o portão do parque.

O que o leitor pode imaginar então? O vulto visto pelo velho é a onça que fugiu do circo?

Tudo isso o aluno pode perceber ou ser levado a perceber; a forma como o texto está sendo construído; um texto que vai, aos poucos, “envolvendo” o leitor; fazendo-o “viver” a história; visualizar o lugar, identificar personagens e suas características.

Atividade 1

Após a leitura do texto, os alunos são solicitados a identificar informações como características do lugar e dos personagens.

Na aula 7, você teve a oportunidade de ler um texto produzido por um aluno. Além de ler o texto, você precisou, também, revê-lo, mudar aquilo que julgou estar inadequado; acrescentar informações importantes...

Hoje, você vai ler um outro texto, também, produzido por um aluno. Depois, exporá aos colegas sua opinião sobre ele, ou seja, deve opinar se o texto atende à proposta de produção.

Atividade 1

Leia o texto.

Felicidade

Felicidade era um parque pequeno, mas não era um parque qualquer; principalmente para os moradores de Paraisópolis que podiam, lá, curtir, sossegados, seus momentos de lazer.

Dentro do parque, podia-se passar o dia inteiro sem ver as horas passarem. Havia diversão para todo tipo de gosto. Os meninos, como sempre, preferiam o campinho de futebol, que ficava no meio de um belo jardim; lugar preferido das pessoas idosas; principalmente, os homens, que podiam observar os garotos jogando bola e, quem sabe, descobrir um novo craque. Buscapé já estava de olho em um deles: Cambotinha, que ganhou esse apelido por ter as pernas tortas. As meninas gostavam de passear pelo bosque, igualzinho àqueles dos contos de fadas. Caminhavam horas e horas observando as árvores frondosas e floridas, os pássaros, que não eram poucos. Às vezes, paravam na beirinha do riacho para se admirarem nas suas águas calmas e branquinhas.

Domingo em Paraisópolis era um dia sagrado; as famílias se reuniam preparando o que fosse necessário para passar o dia em Felicidade. Aquele Domingo não seria diferente. Aos poucos o parque ia recebendo a população – cada um ia para o seu lugar preferido; afinal era domingo!

De morador, Felicidade só tinha um: era o velho Beá, que vivia há mais de trinta anos dentro do parque. Morava no alto do morro, do outro lado do bosque. De lá podia ver todo o parque e uma boa parte da cidade. Aos domingos, colocava sua cadeira de balanço na frente do casebre, sentava-se tranqüilamente, acendia seu cachimbo e ligava seu velho radinho de pilha, amigo do peito. Seu maior prazer, nesses dias, era observar as pessoas se divertindo. De vez em quando alguém subia o morro para levar um dedo de prosa com o bom velho Beá: homem sábio e muito respeitado por todos. Sabia de tudo o que acontecia; seu radinho não era desligado nem enquanto dormia.

Naquele Domingo, velho Beá estava tendo um dedo de prosa com Ritinha, garotinha esperta e curiosa, que todo domingo subia o morro para ouvir as histórias de Beá. A conversa estava animada, mas de

repente, o velho ficou quieto e pediu silêncio à menina. O rádio interrompera a música para dar uma notícia:

"O dono circo Alegria informou que a onça Basquita, a principal atração do circo, escapou de sua jaula, e não foi encontrada em nenhum lugar do circo. Segundo ele, o animal pode ter fugido para alguma cidadezinha próxima: Fernandópolis, Mirandópolis ou Paraisópolis. Ainda segundo ele, Basquita pode ser perigosa, pois está com um ferimento em uma das patas. Lindomar Vital, o domador de animais do circo, disse que a onça pode atacar qualquer pessoa que se aproximar dela. Disse, também, que o animal, com certeza, poderá se refugiar em algum lugar que tenha muito verde, mata, árvores, água; espaço onde possa se sentir livre. Voltaremos a informar sobre o paradeiro de Basquita, assim que tivermos novas informações."

Por um instante, o velho Beá ficou em silêncio, parado, com o olhar fixo no bosque. A menina, que estava à sua frente, também não se mexia. Não sabia o que o velho estava olhando; mas não pensou em incomodá-lo. Na verdade, os olhos do velho estavam fixos no portão do bosque. O bom velho fechou os olhos e abriu-os novamente; teve a impressão de ver passar pelo portão, como um raio que corta o céu, algo amarelado cheio de manchas pretas. Não podia definir, com certeza, o que era, sua visão já não lhe permitia ver claramente a certa distância; mas mesmo assim, um arrepio gelado percorreu seu corpo frágil; ficou branco; as mãos começaram a tremer; e seu rosto que era sempre muito tranqüilo, de repente mudou. Ritinha percebendo o desespero no rosto do velho, não se conteve e perguntou:

— Velho Beá, o que está acontecendo?

O velho não disse nada. Apenas se levantou, desligou o rádio, pegou sua bengala e com passos vagarosos começou a descer o morro em direção ao bosque. Depois de alguns passos, virou-se para a menina e carinhosamente pediu que ela entrasse, trancasse a porta e que não saísse de lá, nem mesmo se ouvisse gritos.

É possível identificar no texto informações como

● **lugar:**

- nome do parque: felicidade
- nome da cidade em que fica o parque: Paraisópolis
- descrição do parque:
 - pequeno;
 - no centro do parque há um belo jardim e no meio do jardim um campinho de futebol;
 - de um lado do parque há um bosque, cheio de árvores frondosas e floridas, há pássaros e um riachinho de águas calmas e branquinhas;
 - do outro lado um morro.

● **os personagens**

- Buscapé: um senhor de meia idade, que gostava de futebol...
- Lindomar Vital: domador de animais...
- Ritinha: garota esperta e curiosa; gostava de ouvir as histórias que o velho Béa contava...
- Basquita: onça, que pode ser perigosa por estar ferida...

Após a leitura do texto, complete o quadro com as informações do texto

Que informações podemos encontrar no texto sobre

O LUGAR

nome do parque

descrição do parque

nome da cidade em que fica o parque

OS PERSONAGENS

Leia abaixo as características de um dos personagens. Depois releia o texto e identifique as características dos outros personagens.

NOME DO PERSONAGEM	CARACTERÍSTICAS DOS PERSONAGENS
Cambotinha	Pernas tortas; bom de bola ("... os homens, que podiam observar os garotos jogando bola e, quem sabe, descobrir um novo craque. Buscapé já estava de olho em um deles: Cambotinha...")
Buscapé	
Lindomar Vital	
Ritinha	
Basquita	

O NARRADOR

O narrador é observador, ou seja, narra os fatos sem participar deles, ou é narrador-personagem? Como foi possível identificar o tipo de narrador?

PODEMOS CONCLUIR, ENTÃO, QUE, PARA CRIAR UM INÍCIO DE HISTÓRIA TÃO INTERESSANTE, FOI PRECISO...



criar um ambiente onde as ações pudessem acontecer: o parque Felicidade é tranqüilo, bonito;



criar personagens, caracterizando-os (física e/ou psicologicamente); mostrar as ações praticadas por eles; suas preferências, seu jeito de ser e de agir;



indicar o tempo em que os fatos narrados até o momento aconteceram;



apresentar os fatos na seqüência em que eles aconteceram.

PROGRAMA GESTÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR
GESTAR I

DIPRO / FNDE / MEC

CONSULTORES DAS ÁREAS TEMÁTICAS

Língua Portuguesa

Maria Antonieta Antunes Cunha

Doutora em Letras - Língua Portuguesa
Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG

Professora Adjunta Aposentada - Língua Portuguesa - Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG

Matemática

Cristiano Alberto Muniz

Doutor em Ciência da Educação
Universidade Paris XIII

Professor Adjunto - Educação Matemática - Faculdade de Educação
Universidade de Brasília/UnB

Nilza Eigenheer Bertoni

Mestre em Matemática
Universidade de Brasília/UnB

Professora Assistente Aposentada - Departamento de Matemática
Universidade de Brasília/UnB

PROGRAMA GESTÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

GESTAR I

DIPRO / FNDE / MEC

Diretora de Assistência a Programas Especiais - DIPRO

Ivone Maria Elias Moreyra

Chefe da Divisão de Formulação e Implementação - DIFIM

Débora Moraes Correia

EQUIPE EDITORIAL

Assessoria Pedagógica

Maria Umbelina Caiafa Salgado
Consultora - DIPRO/FNDE/MEC

Coordenação Geral

Suzete Scramim Rigo - IQE

Coordenação Pedagógica

Regina Maria F. Elero Ivamoto - IQE

Elaboração

Marília Barros Almeida Toledo - Matemática - IQE

Suzana Laino Cândido - Matemática - IQE

Maria Valéria Aderson de Mello Vargas - Língua Portuguesa - IQE

Kahori Miyasato - Língua Portuguesa - IQE

Equipe de Apoio Técnico

Marcelina da Graça S. Peixoto - IQE

Maria Christina Salerno dos Santos - IQE

Produção Editorial

Instituto Qualidade no Ensino - IQE